THOMAS MEIGHAN
19 DE
JANEIRO
DE 1924
Paratodos...
ANNO VI - Nº
PREÇO 1$000

Directores: Alvaro Moreyra e Mario Behring
Gerente: Léo Osorio

Para todos...

Séde: 164, Rua do Ouvidor
Officinas: 419, R. Visconde de Itaúna

Toda a correspondencia com valôres deverá ser dirigida á S. A. O MALHO

ANNO VI — Rio de Janeiro, 19 de Janeiro de 1924 — NUM. 266

MUSICA PARA TODOS

JOÃO DE SOUZA LIMA — *O Brasil, apezar de sempre ter sido o paiz generoso e hospitaleiro, onde todos os estrangeiros, sejam de que nação fôrem, são sempre recebidos de braços abertos, o Brasil, diziamos, de vez em quando, em falta de melhor assumpto, tem os seus pequenos pontos fracos de nação nova, commentados atravez de scenas mais ou menos grotescas de revistas estrangeiras, de theatro barato, especialmente francezas, com o intuito de ridicularisar-nos, seja como fôr e pelo que fôr, comtanto que a scena faça rir áquelles que, de um modo geral, só conhecem o Brasil assim...*

Se os autores brasileiros quizessem tirar a sua desforra e levar para o palco os pontos fracos dos que nos ridicularisam, como seria facil fazer rir o publico!

Entre outros assumptos, bastaria commentar a frequencia com que os francezes demonstram, todos os dias, a sua ignorancia em assumptos de geographia...

Seria assumpto inesgotavel, que muito haveria de fazer rir, especialmente quando vindo dos francezes, que se consideram os grandes orientadores intellectuaes do mundo...

Ainda agora, acabamos de ter mais uma confirmação do que ahi fica dito. A revista franceza Conferencia, *noticiando uma conferencia feita por Gabriel Fauré sobre a musica hespanhola ou de caracter hespanhol, na qual tomou parte, como executante, o pianista e compositor brasileiro, João de Souza Lima, traz as seguintes palavras, de autoria do proprio conferencista, que é, como se sabe, um dos mais bellos talentos da França musical contemporanea.*

"Este concerto revelou varios artistas: o Sr. Souza Lima, que tem sangue argentino nas veias, e parece nascido para interpretar esta musica, lasciva, languida, apaixonada, extranha, de uma melancolia que, de repente, cede o logar a rythmos sonoros e brilhantes. O Sr. Souza Lima, 1° Premio do Conservatorio, discipulo de Mme *Long, tem deante de si um futuro magnifico de* virtuose *e de artista. O publico provou-lh'o bisando quasi todos os seus trechos e acclamando-o".*

João de Souza Lima é paulista de nascimento e de origem, pois paulista é toda a sua familia. Artisticamente falando, é ainda brasileirissimo, pois Souza Lima estudou em S. Paulo sob a direcção do inolvidavel Chiaffarelli, indo para Paris, pianista já feito, apenas buscar o 1° Premio do Conservatorio, o qual conquistou rapida e brilhantemente. Pois Fauré, o delicioso Fauré, como legitimo francez que é, foi descobrir, em Souza Lima, sangue... argentino...

A cincada do mestre está pedindo a palmatoria de uma scena de revista; e nós aqui a recommendamos áquelles que têm por officio divertir as multidões.

Todavia, com erro ou não, com ignorancia ou maldade, o elogio ficou feito. Para Fauré, Souza Lima é um artista tão extraordinario, que, interpretando a musica hespanhola, lhe parecia ser de sangue argentino, isto é, hespanhol.

E' esse o elogio maior que, em Paris, se poderia fazer ás faculdades de interprete do joven artista brasileiro, que o nosso publico conheceu atravez de um recital que aqui realisou ha cerca de 7 annos.

José de Souza Lima, conquistado o 1° Premio do Conservatorio de Paris, voltou ao Brasil, tendo regressado á França pouco depois. Pianista cujo temperamento se adapta, de preferencia, ás musicas de grandes responsabilidades technicas, é o proprio Fauré quem nelle reconhece "um futuro magnifico de virtuose *e de artista", a quem o publico "acclamou depois de ter bisado quasi todos os trechos de cuja interpretação se incumbiu".*

Actualmente Souza Lima percorre a Europa em excursão artistica. As noticias que delle temos tido confirmam, todas, as palavras que acima transcrevemos. A sua tournée *vae-se fazendo brilhantemente, atravez de successivos triumphos — o que não deixa de ser um grande conforto para todos aquelles que, como nós, se interessam pelo bom nome da nossa arte e dos nossos artistas.*

☆ ☆ ☆

FRANCISCO MANUEL — *A Sociedade Brasileira de Autores Theatraes, em boa hora lembrou-se de promover a erecção de um monumento a Francisco Manuel, autor desse outro monumento que é o Hymno Nacional Brasileiro.*

O que isso representa como reparação ao inacreditavel esquecimento á memoria de um dos maiores musicos brasileiros, não é necessario encarecer. Basta lembrar que Francisco Manuel nem mesmo é conhecido como o autor do Hymno Nacional que lhe deu a immortalidade.

Assim, é necessario que todos concorramos para que o monumento projectado pela Sociedade de Autores Theatraes seja quanto antes uma realidade. E é nesse sentido que appellamos para todos aquelles que nos lêem, solicitando-lhes o seu auxilio a essa obra de reparação e de justiça.

TAPAJÓS GOMES.

(Esta revista contém 48 paginas)

A ALVURA DOS CYSNES

Uma das coisas que mais chamam a attenção para os cysnes é a sua alvura immaculada.

As creanças, sobretudo, são as que mais apreciam esta qualidade.

Um pequerrucho, ha poucos dias, no parque da Boa Vista, disse para sua ama, contemplando um par de cysnes que singrava as crystallinas aguas do pittoresco lago daquelle parque:

— Oh, Rosa! Olhe para aquelles cysnes como são tão branquinhos. E sabe você por que são assim brancos?

— Não, disse a servente ingenuamente.

— E' porque a mamãe os lava, como a mim, com *Sabonete de Reuter*. Os cysnes porcos, que se não lavam com *Sabonete de Reuter,* são aquelles negros, que de vergonha se escondem acolá, atraz daquellas plantas.

— Então, Juquinha, você acredita que aquelles negros, lavando-se com *Sabonete de Reuter,* podem pôr-se assim brancos?

— Claro, que acredito! Ainda hontem lavei o meu cavallinho de páo, que era de muitas côres e ficou tão branco como aquelles cysnes, e mamã disse-me que no dia em que nos deixarmos de lavar com *Sabonete de Reuter* ficaremos pretinhos como os filhos da tia Josepha.

Questionario

ANTONIO S. JULLIEN (Julio de Castilhos) — Quatro cartas! Nós não vendemos photographias. Para a collecção, dirija-se á nossa gerencia.

J. P. S. (Petropolis) — Se faz muita questão, compre o primeiro que encontrar. Já está esgotado. Mande aqui, veremos. Tem sahido tanta coisa horrivel. Buck nasceu em 1899, é só. Fox Studios, Western Avenue, Los Angeles, California. Hoot, Universal City, Los Angeles, California. Não temos particular.

RONACIN (Rio) — Oh, para que tanta gentileza! Mas infelizmente, a não ser a Mosquini, poucos poderão ser aproveitados. Só Warner dissemos que ia sahir no *Album*, mas á ultima hora foi retirado por falta de espaço.

ENÓE (Sorocaba) — Ora, não iamos dizer tal cousa... Foi um engano. Estavamos admirados pelas bellas e espontaneas expressões elogiativas a Bebe! Você é tão caladinha e sabendo escrever tão bem. Arranjámos aquelle negocio, sabe? Vae ver... E escute, por que Pearly escreve tão pouco agora? Que houve com vocês todas, que não escrevem mais?

BABY (Rio) — Vá ao cinema primeiro, para dar taes opiniões. Você é das taes da praga dos *torcidas*. Vae a um determinado cinema e só. Acho tudo um colosso, e... os outros films *devem* ser drogas...

O. NERY (S. Paulo) — Nunca vimos o nome do actor que diz e a palavra *Ajax*, que está entre parenthesis, é o titulo dum film italiano! Que trapalhada é esta? Luciano Albertini foi quem entrou para a Universal. As photographias são as melhores que nos chegam ás mãos. Ora, não temos nenhuma de H. B., senão sahiria. E você nem assignou desta vez, caro amigo.

WM. TRUST (S. Paulo) — Não temos a residencia particular, escreva para Lasky Studios, Vine Street, Los Angeles, California.

ROSA DE FUEGO (Rio) — E', você tem a sua razão. Não procuram responder á pergunta e sim collocar o artista por quem têm mais sympathia como homem. E', mas passaram tantos films tão bons ou melhores que *Sangue e areia*.

CYCLONE SMITH (Recife) — Alegrou-nos vel-o de volta. 1°, Bert, Virginia Valli, De Witt Jennings, Philo Mac Cullough, Otis Harlan, Max Davidson. 2°, John Gilbert, Ruth Clifford, Frank Leigh, Mickey Moore, Otis Harlan, Richard Wayne, Willie Marks. 3°, Vivian, Niles Welsh, Casson Ferguson, Spottiswood Aitken. Helen Dunbar, Clyde Benson. 4°, Regular, e não tão bom como a primeira vez que Herbert filmou aquella mesma historia. 5°, Billie Dove, Miriam Battista, D. H. Griffin, Charles Craig, Huntley Gordon, Billy Quick, Vivian Ogden. Caro Cyclone, para que todos sejam contentados, só acceitamos uma carta de cada vez, e depois de ser publicada a anterior, salvo caso muito extraordinario, como uma reclamação urgente, etc. Poremos de lado a do *Delirando*. E' verdade, aquella scena da dansa está mal photographada, mas Viola Dana dansa muito bem aquillo.

BILL RUSSELL (S. Paulo) — Estamos de accordo com o que você diz, mas não podemos negar que ella seja graciosa. Como artista é um desastre, já se sabe, mas como mulher é uma bellezinha, "seu" Russell! Vae ser publicada. E olhe, aquelle pseudonymo é de uma moça.

BONINA (Bahia) — Infelizmente só podemos responder por aqui. Se tem numeros atrazados do *Para todos...* folheie-os, que achará uma, nós temos publicado diversas. Enviará, com certeza.

OS FILMS DA SEMANA

Valor da Cotação: — 1 a 3, *mediocre*; 4 e 5, *soffrivel*; 6 a 8, *bom*; 9 e 10, *muito bom*; 11 e 12, *excepcional*.

PATHE'

Militona (Militona) — Pathé — *Militona* é um film fraco. A historia, extrahida do romance de Théophile Gauthier, "Os amores de um toureiro", nada apresenta de novo ao que já estamos acostumados a ver nas congeneres. Mas não foi só da historia que não gostámos. Tambem o desempenho, a direcção, technica, etc. No elenco artistico encontrámos, na maioria, artistas hespanhoes que nos pareceram principiantes no c i n e m a. São elles: Gevesa, Bruguiera, Emilia de La Mata, Marti e outros de menor importancia. Mesmo o trabalho de Landais, que já conheciamos, não nos agradou. A direcção do film esteve a cargo de H. Vorin que, pela primeira vez, nos apresenta um trabalho tão fraco. Ha no film, entretanto, alguma coisa de valor que são as scenas da tourada, tomadas na propria praça de touros de Madrid, diversos aspectos da cidade e as varias "toilettes" femininas. Boa photographia.

Cotação: 4 pontos.

■ Al St. John com a sua comedia para a Fox — *A toda a velocidade* (Full speed ahead), continúa agradando pouco. Foi o complemento do programma.

■ *Os tempos mudam* (Times have changed) — Fox — Producção de 1923. — O enredo deste film não é lá muito forte, mas, prende um tanto a attenção, principalmente na complicação final. Bons artistas em scena mas com todas as situações mal aproveitadas pelo director. William Russell é apenas o artista que tem o nome no cartaz. Mabel Julienne Scott, como sempre e sem opportunidades; Allene Ray muito bem; é a melhor artista do film. Gretchen Hartmann — que saudades dos seus bellos tempos — está mal adequada ao papel. Outrosim, tomam parte: Jack Curtis e Charles West, hoje, coitado, desprezado! Decididamente James Flood póde ficar como assistente de director, como era!

Cotação: 5 pontos.

■ No mesmo programma, mais um numero do *Actualidades Fox*.

ODEON

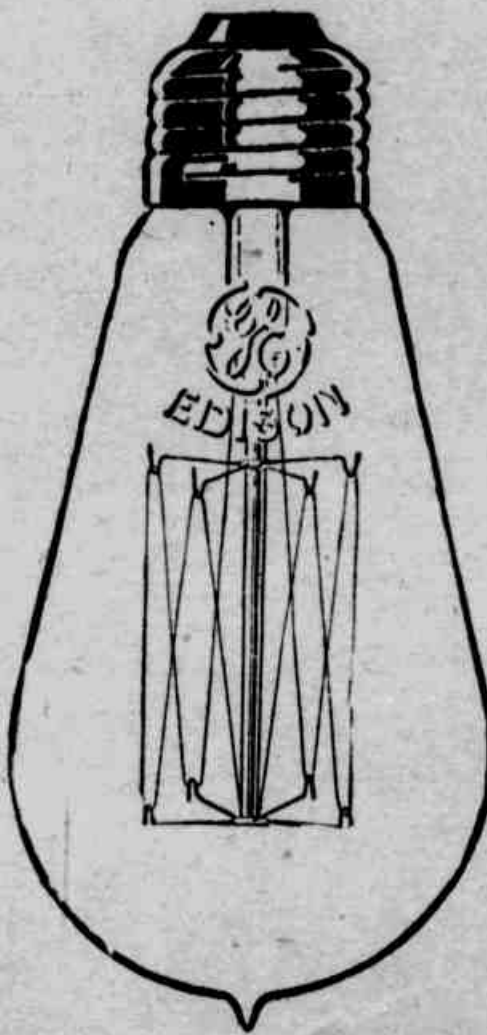
O Brasil grandioso (Film do natural) — *O Brasil grandioso*, é um film confeccionado pelo nosso conhecido operador cinematographico (*camera-man*) Alberto Botelho, para nos mostrar algumas das nossas producções, industrias, bellezas naturaes, etc., de que tanto nos devemos orgulhar. Mas não podemos dizer que tenha sido este film todo confeccionado para apresental-o agora, com o lindo titulo que lhe deram. E a prova é que a direcção do Odeon com medo do seu insuccesso, ia exhibil-o apenas dois dias. O publico gostou e foi quanto bastou para que elle interrompesse a exhibição dum outro film que se achava programmado para a mesma semana. *O Brasil grandioso*, póde-se dizer que é uma collectanea de photographias tomadas anteriormente pelo mesmo operador em varias épocas e disto o proprio publico, que está acostumado a ver sempre os programmas dos nossos varios cinemas, certificou-se. Nelle vemos a colheita do café, do arroz, do algodão; o côrte das madeiras, as nossas minas de carvão e ouro; o preparo do sal, pouca coisa da borracha, emfim, e algumas plantações e culturas, porém, tudo muito resumido. A maior parte destas scenas foi tomada aqui na Capital, em S. Paulo, Paraná e Minas Geraes. De alguns Estados, apenas vemos a entrada do porto. A photographia varia um pouco, ha occasiões em que é muito boa e noutras um tanto escura. Emfim, não foi o que esperavamos Achamos bom fazer ponto aqui.

PALAIS

Ser ou não ser? (Garments of truth) — Metro. — Producção de 1921. — E' um film que sómente possue de valor a philosophia do entrecho: um rapaz tinha o vicio ou coisa que o valha, de mentir. Com isso, assustava e punha em apuros a villa em que morava. Os habitantes desta, então, resolvem mandal-o para uma escola correccional, mas apparece uma pequena que indica num "magazine" um annuncio de um medico que cura essas coisas por suggestões hypnoticas e é para elle que afinal enviam o rapaz. Este, tempos depois, volta curado e só dizendo a verdade! Com isso prejudica ainda mais a tal villa que vê principalmente desfeito um projecto da construcção de um hospital, só porque elle denuncia a tempo que o logar não se prestava, devido á existencia de uns brejos. Eis a villa revoltada e dirigido outra vez ao medico para que o faça tornar ás antigas mentiras!!! Está tudo mal aproveitado. Devia haver scenas de mais hilaridade e os typos da villa deviam ser mais caracteristicos, mais convincentes e mais engraçados. No principio ha ainda as scenas de duas grandes e longas mentiras que relata o tal rapaz, quando podiam ser em maior numero, mais espirituosas e mais rapidas. E Gareth Hughes não devia ser o protagonista. Tudo isto melhor feito, com boa direcção e mais perfeita photographia, o film agradaria em cheio.

Cotação: 4 pontos

■ Abriu o programma o film natural *A revolução no Rio Grande*, da Zenith-Film, photographado pelo amador Benedicto Camozato, mostrando primeiramente alguns aspectos da cidade, edificios, etc., e em seguida os acampamentos dos dois partidos, onde tem-se occasião de ver os usos e costumes dos nossos gauchos, o churrasco, o chimarrão... A photographia está detestavel e f o i apanhada sem gosto artistico. Em seguimento ás tres partes de que se compõe este film, vimos a chegada a esta Capital do General Setembrino, photographias estas muito nitidas, tomadas pelo conhecido operador Botelho.

■ *Um escandalo na Academia* (Hearts are trumps) — Metro — Producção de 1920 — Um dos primeiros films de Rex Ingram para a Metro e com um enredo, se bem um tanto interessante, que não satisfaz. Se não fôra a sua direcção, seria um film apenas mediocre. Nota-se a sua caracteristica direcção, a tornar o film em certos trechos valioso. Os typos bem escolhidos e reaes, os ambientes, a movimentação dos artistas, etc., etc. O desempenho é esplendido e isto tambem é obra de Ingram. Francellia Billington têm uma interpretação notavel. Frank Brownlee é o unico que não está perfeitamente

adequado ao papel, mas o seu trabalho é de primeira ordem. Alice Terry, nunca a vimos tão delicada e mimosa. Ha algumas scenas de bom humor, uma coisa de que Rex Ingram abusa, a ponto de collocal-as inopportunamente.

Cotação: 6 pontos.

AVENIDA

Uma grande invenção (Mile-a-minute Kendall) — Paramount — Producção de 1918 — A Paramount agora está lançando, no Rio, films que tinham ficado de lado, quando foi necessario adiantar em tempos a sua producção. Nós, somos grandes apreciadores do cinema, de maneira que ainda ficamos contentes com esta resolução, porque gostamos de ver todos os films, embora tarde. *Uma grande invenção*, é ainda um daquelles da serie posada pelo muito sympathico par Jack Pickford-Louise Huff, se bem que inferior a muitos outros anteriores. E' uma historiasinha modesta, do eterno rapaz farrista que quer casar-se com uma corista, etc., etc. Comtudo, está bem contada, ha uma festasinha regular onde ainda vemos Lloyd Hughes numa "ponta" que é uma das cousas agradaveis de ver num film velho... A historia da invenção é que está inopportuna e forçada. A maior qualidade, porém, que tem o film é a presença da nossa tão conhecida Lottie Pickford que atravessa todo o film numa bella e bastante convincente interpretação. Boa photographia. As partes são muito longas.

Cotação: 5 pontos.

■ *Sedas, flores e beijos* (The rustle of silk) — Paramount — Producção de 1923 — Um enredo mal e bem aproveitado. Os motivos são bons. A historia romantica daquella cabelleireira tão apaixonada por um grande politico, é de valor e assim é a introducção daquelle projecto em auxilio dos soldados que voltam da guerra, o que aliás dá motivo a um detalhe de extraordinaria belleza que é aquelle do jardim com o soldado invalido. Dizemos que está bem aproveitado, porque Herbert Brenon (que differença faz dos directores habituaes da Paramount!) movimentou bem os interpretes e teve "close-ups" de rara felicidade. Está bem montado. Aquella scena da chuva, vista do exterior do Parlamento, está de grande effeito e não parece ser manufacturada. Aquellas duas visões do tempo de Luiz XV estão graciosas e muito enfeitam o film. O theatro russo está interessante e as situações dramaticas de que Herbert Brenon tirou partido, principalmente no final, estão boas. Pena que os letreiros não ajudassem. Está mal aproveitado porque ha situações desnecessariamente forçadas, como aquella da apresentação da pseudo Condessa de Bresé a James Fallaray, na noite de seu banquete; aquella sua entrada para creada da casa; aquelle entendimento rapido quando elle é ferido; a scena em que os componentes do seu partido vêm buscal-o e o encontram abraçado com Lola, sem dar attenção á esposa e outras mais. Ha certos cochilos no scenario. No principio o film dá pequenos pulos. Boa photographia, technica irreprehensivel, linda apresentação de tudo, porém, alguns defeitos na distribuição de luz. Betty Compson tem um bom desempenho que se tornaria mais fino se Herbert Brenon soubesse "puxal-a" e este é o seu unico defeito no film. Tambem o papel requeria uma Lillian Gish, ao feitio de quem ficaria adequado. Conway Tearle, não sabemos se é porque ainda temos na mente o seu tão pouco convincente desempenho em *Bella Donna*, achamol-o com aquelles seus ares de desanimado a arriar os braços a todo instante, um pouco exaggerado. Entretanto, tem significativas expressões. Anna Nilsson passa o film a exhibir riquissimas "toilettes" e nisto mesmo nota-se certa preoccupação do director, mas no final, quando algo lhe é dado a fazer, o seu desempenho é extraordinario. Um bom film. Pena que haja um grande numero de pequenos senões, principalmente no entrecho. Vale mais que o preço da entrada.

Cotação: 8 pontos.

RIALTO

A revolução no Rio Grande — O Rialto tambem fez exhibir um outro film sobre a revolução no Rio Grande, photographado por outro operador e com maior metragem do que o exhibido no Palais, no mesmo dia. A mesma coisa: aspectos dos varios acampamentos, manobras de diversos batalhões de ambos os partidos, photographias dos chefes e commandantes de ambas as forças, detalhes locaes, feridos, vida militar, etc. Podia ser menor o film para não fatigar tanto. Ha pedaços que se podiam supprimir.

■ Fez parte do mesmo programma, a comedia da Paul Gerson Piet. — *Zé Caipora ficou logrado* (Pop Tuttle's russian rumor), com o paulificante do Dan Mason e sua inseparavel companheira Wilna Harvey. Está provado que estas comedias não agradam em absoluto. Não achamos graça alguma no genero comico a que se dedicou Dan Mason; depois, as suas comedias são puramente locaes, só podendo agradar mesmo nos Estados Unidos. A casa Matarazzo terá ainda muitas dellas!

■ *Tortura de amor* (The vermillion pencil) — Robertson Cole — Producção

de 1922 — Sessue Hayakawa, o grande actor nipponico, mais uma vez, e com grande satisfação nossa, se apresentou em nossas telas. Este seu film de certo agradou e agradará a todos quantos o virem. E' uma producção commum, que foi exhibida sem grandes reclames, porém, muito bem representada e montada com todos os requisitos necessarios á sua confecção. Hayakawa tem um trabalho perfeito e natural! A historia de Homer Lea, intitulada "O lapis vermelho" e que foi aqui mudada para *Tortura de amor*, é muito mimosa, bastante acceitavel e typica. Norman Dawn, o director argentino, dirigiu-a, não se esquecendo entretanto, como em todos os seus films, dos passaros que parece tanto apreciar. Ha scenas muito romanticas e poeticas e elle soube dirigir os artistas com muito cuidado e paciencia. Bessie Love é neste film a "leading-woman" de Hayakawa, e, como calculavamos, vae muito bem. Technica, photographia, etc., magnificas. Paysagens lindas. Na 1ª parte do film, na scena do decreto da lei do lapis vermelho, notámos na photographia, um effeito de dupla exposição no tecto deste scenario.

Cotação: 7 pontos.

PARISIENSE

Oh! Broadway! (Bright lights of Broadway) — Principal Pic. — Producção de 1922 — O Parisiense é o cinema que, por seus annuncios, mais *bluffs* tem pregado ao nosso publico. A principio começou annunciando producções dirigidas por Thomas Ince, sem ser isto verdade; depois, ha pouco, exhibiu uma comedia em que tomava parte o cachorro "Pal", annunciando-a como sendo seu protagonista "Brownie". Agora, elle, sem motivo algum para isso, faz os reclames de — *Oh! Broadway!* — como sendo a protagonista Corinne Griffith! Ora, isso já é demais e até depõe muito contra a casa. Corinne Griffith lá não apparece e sim Doris Kenyon que tem um trabalho bem regular, parecendo-nos, até, ter sido este o seu melhor trabalho dos que já vimos. A historia de *Oh! Broadway!* — já tem sido explorada por muitas fabricas, porém isto hoje perdoa-se visto estarem quasi esgotados os argumentos originaes. O film póde-se dizer que vae muito bem até á penultima parte, porém dahi em diante toma o aspecto de film em series. Ha aquella correria de automoveis que se enguiçam no fim de certo tempo, a continuação da mesma em uma locomotiva e por fim a chegada á salvação, no momento em que o innocente accusado como criminoso ia morrer na cadeira electrica...

Não fosse esse final e o film valeria 50 "|" mais. Como dissemos acima, o trabalho de Doris Kenyon é bem razoavel. Ella está mais bonita neste film. Harrison Ford é o heroe. Lowell Shermann é o vilão, tendo tambem um magnifico desempenho. Notam-se mais os artistas: Edmund Breeze, Claire de Lorez (lembram-se de tel-a visto antes?) Charles Murray (em uma dança de sua autoria), Effie Shannon e o grande actor Tyrone Power (o inesquecivel de *Onde estão meus filhos?*) no papel de criminalista. Bôa technica. Magnifica photographia. Nas scenas passadas no *cabaret*, vêem-se alguns numeros pelas "Tiller Girls" das Ziegfeld's Follies.

Cotação: 6 pontos.

■ Completou o programma a comedia de Buddy Messinger para a Century — *Até logo, Buddy!* com algumas situações interessantes.

■ *A Gatuninha* (Blackmail) — Metro — Producção de 1920 — Viola Dana, a joiasinha da Metro, e que muito nos tem "visitado" actualmente, appareceu numa historia dramatica de Lucia Chamberlain, cuja direcção foi entregue a Dallas Fitzgerald.

A historia é acceitavel e gira em torno de uma moça ladra, filha de um ladrão, vivendo entre ladrões que se apaixona por um rapaz, e regenera-se... Viola está, como sempre, muito linda e muito engraçadinha e dá mais de 100 beijos neste film. Os demais artistas que tomam parte nesta producção, são: Alfred Allen, num curto papel de pae de Viola, Wyndham Standing, muito mal collocado como "leading-man" de Viola, Lydia Knott, Edward Cecil e Florence Turner, uma antiga figura da Vitagraph. Não gostamos nada de terem escolhido Wyndham para fazer o "leading-man" de Viola. Não só já é velho demais para ella como tambem o seu porte, aquella sua altura e o corpo descommunal, estão muito em desaccordo com as regras cinematographicas. Quanto a Florence Turner, muito nos admiramos de vel-a fazendo uma creada, cumplice da quadrilha, quando já a vimos desempenhando papeis de grande importancia, no começo da cinematographia americana! Florence era a Norma daquella epocha e quem sabe lá até se não deu lições a ella, pois, como os leitores devem saber, Norma começou a sua carreira na Vitagraph e foi "encontrada" por Maurice Costello, que tambem naquella epocha estava no seu apogeu... Como os tempos mudam... A photographia e technica são muito boas.

Cotação: 6 pontos.

CENTRAL

O "Central" fez a "reprise" do film da Fox — *Mme Du Barry* — com Theda Bara. Foi uma ideia feliz, pois não só deu opportunidade áquelles que ainda não tinham visto este film, como tambem áquelles que tinham vontade de vel-o novamente. Mas que differença em tudo da *Du Barry* de Pola Negri! Santo Deus! O tribunal parece de um certo film nacional...

■ O 2º programma constou do film inglez — *Não me queres mais?* — com Catherine Calvert, cuja apreciação é feita noutro local desta secção, por ter sido este film lançado em "premiere" noutro cinema.

■ No mesmo programma esteve a comedia (*reprise*) da Century — *O cara sardenta* — com Johnny Fox.

PARIS

O seis e cincoenta (Six fifty) — Universal — Producção de 1923. — A historia do *Seis e cincoenta*, se bem que perca um tanto de seu valor no final, nos agradou bastante quanto ao ponto interpretativo dos varios artistas que nella tomam parte. Talvez nunca tivessemos tido occasião de apreciar um tão bom trabalho de Renee Adoree a linda ex-esposa de Tom Moore. Ella vae magnificamente

bem neste seu film e, sem duvida alguma, podemos dizer que é a principal figura do mesmo. Nos outros papeis, notámos tambem, com bom desempenho, os artistas: Corville Caldwell, muito natural, Bert Woodruff em algumas scenas impagavel, Gertrude Astor e Niles Welsh. Jack Walters (o rei dos ebrios do cinema) desta vez faz um papel sério. A direcção do film é boa e gostámos muito de varios detalhes que se vêem no decorrer do mesmo. Photographia esplendida.

Cotação: 6 pontos.

OUTROS CINEMAS

Sombras do norte (Shadows of the North) — Universal — Producção de 1923. — "Polytheama" — Mais um destes films em que a Universal teima em não aproveitar, como deve, o sympathico William Desmond. Mais uma historia passada nas montanhas do Norte americano, porém posta em scena com realidade e bem desempenhada. William Desmond, se bem que, como dissemos, não esteja bem no seu genero, sahe-se correcto com o seu trabalho, dá muitos soccos e tem uma lucta de grande effeito e realidade com Fred Kohler. Virginia Brown Faire é a "leading woman" e como está linda! Nunca a vimos assim. A photographia é uma das qualidades do film. Muito boa.

Cotação: 6 pontos.

■ *Não me queres mais?* — Mais um film inglez e portanto dos menos procurados. Catherine Calvert, a bella actriz, que já conheciamos atravez de varios films para a Paramount, é a principal interprete do film e tem um trabalho quasi que sem importancia. Ella desta vez faz uma cigana, porém o seu director não soube aproveital-a. O film está com uma photographia commum, e tem uma technica tambem commum dos films inglezes. A direcção deixa muito a desejar. Nós que já vimos Catherine em bons films da Paramount e vemos esse agora, nem sabemos comprehender por que motivo tenha resolvido entrar para fabricas inglezas. Emfim..

Cotação: 4 pontos.

A. R

CINE-THEATRO MODELO

A SUA INAUGURAÇÃO

Depois das exigencias da policia e Prefeitura, a maior parte dos cinemas teve que s o f f r e r remodelações, de fórma a proporcionar ao publico um pouco mais de conforto e hygiene. Entre esses estava o antigo Cinema Modelo, situado á rua 24 de Maio, 287 e 289, de propriedade do Sr. Manuel Rosa Bento, moço activo, conhecedor do *métier*, um trabalhador incansavel, sobretudo moderno, e cheio de grandes emprehendimentos.

O Bento, como elle é conhecido em Riachuelo, não fez remodelações, quiz tudo novo e dotou a zona *chic* riachuelense com um cinema-theatro, que é um verdadeiro colosso.

A nova casa de espectaculos, que é inaugurada amanhã, domingo, ás 11 horas da manhã f i c o u com accommodações para mais de 2.000 pessoas, pois o salão de projecção tem 44 metros de extensão, 14 de largo e 7½ metros de pé direito. Ficou com 20 portas lateraes e outras tantas janellas com venezianas giratorias para renovação do ar. Ao fundo um bellissimo palco com oito metros de bocca e tudo o necessario á admissão de boas companhias.

O edificio é todo feito em cimento armado.

Tem ainda, no sobrado, um salão enorme, com 120 metros de extensão, que está destinado a reuniões, bailes, etc. Todo o mobiliario é novo, forte e confortavel. O salão de espera, amplo e attrahente, é cercado de espelhos.

O acto inaugural revestir-se-á de toda a imponencia.

As bandeiras que vão figurar na frente do novo cinema foram offerecidas por grande numero de commerciantes da rua 24 de Maio e adjacencias. São tres, duas Brasileiras e uma Portugueza. A commissão de festejos é composta dos Srs. Norberto Balthazar, Lindolpho Pinto, Francisco M. Couto e Dr. Salgado Lima.

Não existe mulher bonita que não sinta o orgulho ferido, quando as amigas deixam de voltar-se para vel-a passar. — POLLAH — conservará a belleza do seu rosto, muito além da primeira juventude.

Recuperou a belleza da cutis

Sr. representante da American Beauty Academy N. Y. City 1748, Melville Av. U. S. A.

Com verdadeiro prazer, communico-lhe e autorizo a fazer publico que, desgostosa durante annos com a minha cutis cheia de espinhas e manchas, pelle aspera, empigens, tudo usando, sem resultado, para recuperar uma bôa cutis, tive a felicidade de achar no seu **CREME POLLAH** (sem gordura) a minha feliz cura; vendo desapparecer manchas, espinhos, empigens, ficando em pouco tempo com uma cutis lisa, clara como nunca pensei voltar a possuir.

Certa de que o **POLLAH** é actualmente o unico producto que póde produzir taes resultados, agradeço-lhe minha cura e mais uma vez autoriso-lhe a fazer publicidade desta.

MELIE AYERGA DE GREEN — S. Paulo

O CREME POLLAH encontra-se na Casa Crashley & C. — Ouvidor 58 e nas principaes perfumarias do Brasil — Remetteremos gratuitamente o livrinho ARTE DA BELLEZA, a quem enviar o coupon aos Representantes da "American Beauty Academy."

1° de Março, 151 — 1° andar — RIO DE JANEIRO

PARA TODOS — — Córte este "coupon" e remetta aos Srs. Reps. da American Beauty Academy — Rua 1° de Março, 151, 1° andar — Rio de Janeiro.

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

Para todos...

Rio de Janeiro, 19 de Janeiro de 1924

PEQUENO TRECHO

No silencio que me extasiava a bocca, ella não via a minha vida a chamar a sua vida...

Pobre boneca de cabellos curtos! O medo que eu tinha de quebral-a!...

A grande sala côr de sombra punha-lhe olheiras longas, emmagrecia-a. Ella afundava os olhos nos meus olhos, procurando as palavras que eu nunca lhe disse... Juntava as mãos como se fosse rezar. Ia mexer nas flores, abria livros, sorria com uma expressão de grande scena. Atirava o corpo, de bruços, sobre o divã, linda, artificial, quasi desenhada. (O bem que eu lhe queria então!). Depois, entre os dentes, esmigalhava estas palavras:

— Tenho vivido com tantos homens, que não confio em mais nenhum!

E ficava doida para ouvir as palavras que eu nunca lhe disse...

Pobre boneca de cabellos curtos!

ALVARO MOREYRA

(Da novella *Cocaina...*)

TERRA CARIOCA

I

A nossa chronica de hoje é em resposta a uma consulente, consulente curiosa e gentil que se esconde sob o nome de Maria Antonieta. Confessamos que as perguntas nos trouxeram alguns embaraços, felizmente removidos, apesar de não possuirmos o cabedal de um Vieira Fazenda ou Pires de Almeida.

O appello aos nossos cabellos provavelmente brancos *era perfeitamente dispensavel, bastava a carta gentil trescalante a delicado* Muguet *para obrigar-nos a uma pesquisa entre as velhas chronicas que documentam a historia magnifica desta maravilhosa Terra Carioca.*

Tres foram as perguntas da nossa carissima consulente; vamos responder apenas ás duas primeiras; a terceira merece um maior cuidado, julgamol-a bem difficil porque entra em terreno perigoso como o da hypothese...

Vejamos a primeira pergunta: "Qual a data da construcção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, na rua 1º de Março?" — *Antes de outra coisa convem dizer que a velha Igreja pertence á ordem Terceira do Carmo que começou no Rio de Janeiro em 19 de Julho de 1643; a sua construcção foi iniciada no dia 16 de Julho de 1755 com o lançamento da pedra fundamental, e terminou em Junho de 1770, sendo benta a 10 de Julho do mesmo anno.*

Foi construida com pedras tiradas das ilhas hoje chamadas das Cobras *e das* Enxadas, *doadas aos frades pelo governador Ruy Vaz Pinto em 19 de Janeiro de 1619. Em 11 de Dezembro de 1768, estando as obras bastante adeantadas, foi ordenada pela Mesa a execução da obra de talha ao mestre Luiz da Fonseca Rosa.*

O custo da obra, sem contar com as esmolas de materiaes de construcção e serviços gratuitos, foi de 91:988$995. Naturalmente entende-se que tão reduzida despesa é a despendida até 1770; depois disso o templo soffreu reformas e foi enriquecido de muitas coisas.

Respondida a primeira pergunta, passemos á segunda: "Será possivel saber os termos, nas suas linhas geraes, da acta do lançamento da pedra fundamental?" *Vamos satisfazer a curiosidade da gentil Maria Antonieta, dando na integra o documento que se acha publicado na* Revista do Districto Federal *e que responde de maneira categorica aos desejos da consulente. Eil-o:*

A ACTA DA COLLOCAÇÃO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA IGREJA DE N. S. DO CARMO

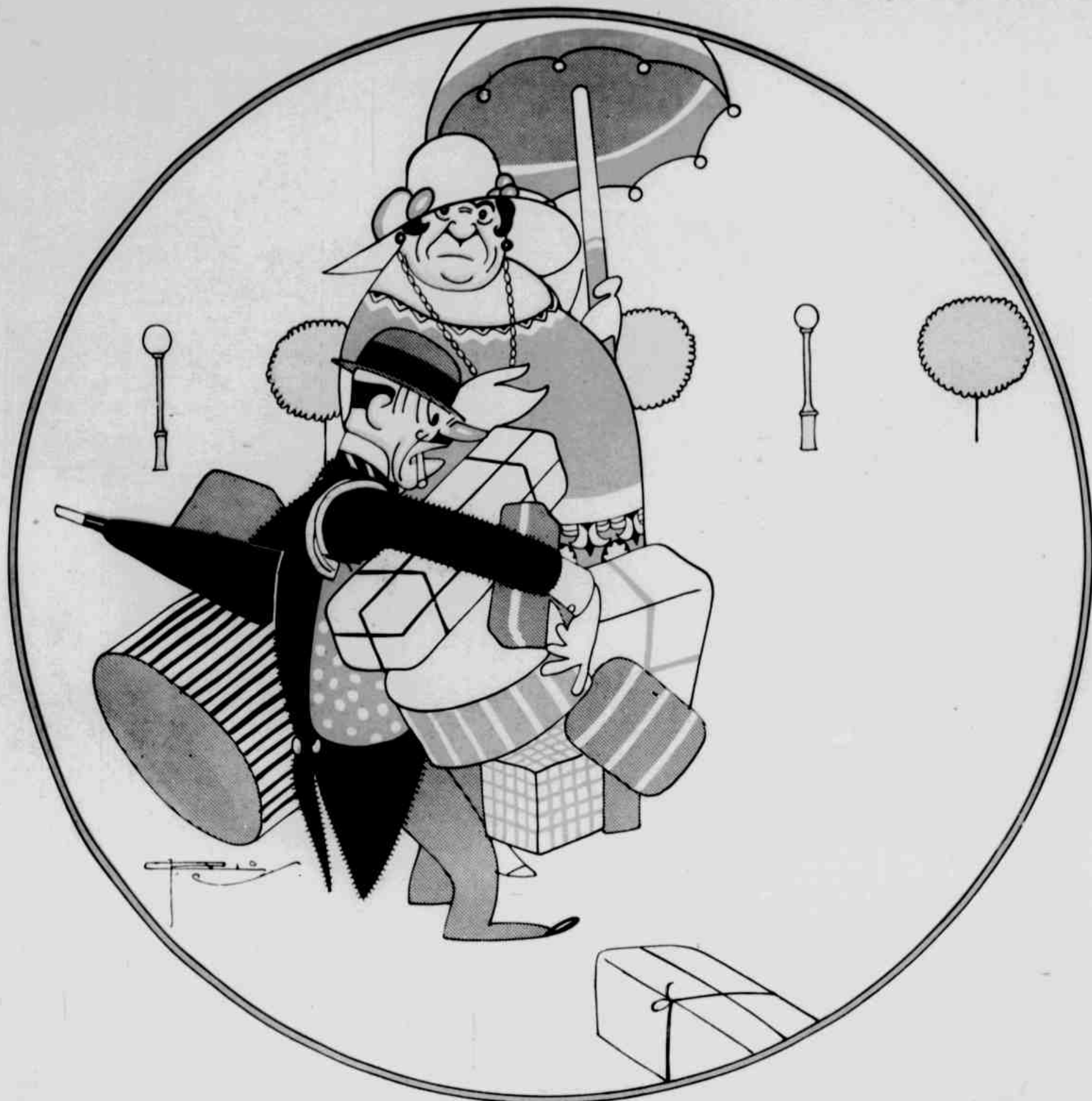
"Aos 16 dias da tarde do mez de Julho de 1755 annos, no Consistorio desta Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo desta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, estando congregados em Mesa o Reverendo Padre Pro-Commissario Fr. José Rodrigues de Sant'Anna, Irmão Sub-Prior o Capitão José Xavier da Silva, que serve de Prior por ausencia de Thomé Gomes Moreira, e mais Definidores, Thesoureiro e Procurador abaixo-assignados, todos encorporados foram para a Igreja do Convento para effeito de se ir deitar a pedra na nova capella de Nossa Senhora do Monte do Carmo desta Veneravel Ordem, e para este acto se revestio o Reverendo Padre-Mestre Fr. Francisco de Santa Maria Quintanilha, Provincial do Convento, para effeito de fazer todas as ceremonias necessarias a semelhante acto, o muito Reverendo Padre-Mestre Prior do mesmo Convento cobrindo a communidade da religião com a sua cruz, a esta seguiram duas alas de numero grande de Terceiros desta Veneravel Ordem, e no fim dellas, da mesma sorte, esta Mesa e com ella o Governador das armas desta praça e Minas, José Antonio Freire de Andrade, e o Dr. Desembargador Chanceller João Soares Tavares, Governador da justiça, e o Dr. Desembargador Superintendente geral João Alvares Simões e o Dr. Provedor da Real Fazenda Francisco Cordovil de Mello e Menezes, todos quatro convidados por esta Mesa para carregarem a pedra ao logar em que se havia de deitar, a que acompanharam os mais Desembargadores da Relação desta cidade e mais ministros della, e desta sorte com duas alas se sahio da Igreja do Convento indo pela rua e entrando pela porta principal da mesma nova capella; ficando as alas dos terceiros parados entrou esta Mesa pelo meio dellas, até onde se tinha feito lugar para a pedra, e vindo a communidade subiram para o lugar onde se havia feito um Altar com o devido preparo ao pé da cruz que no dia antecedente se havia levantado, acompanhados dos mesmos convidados e mais Ministros da cidade, a que tambem acompanhou grande concurso de povo, e logo por um Religioso foi lido em voz alta em lingua latina um cartaz e pergaminho, que estava feito para se metter dentro da pedra, em que se declara o nome do actual Pontifice da Igreja de Deus, o nosso actual Monarcha Rei D. José, o Bispo desta diocese D. Fr. Antonio do Desterro, General Gomes Freire de Andrade, o dito Governador das armas actual, Provincial e Prior do Convento e desta Veneravel Ordem, Sub-Prior e dos seus mais Irmãos da Mesa, o qual foi assignado pelo mesmo Provincial, Prior, Pro-Commissario, e Sub-Prior da Ordem que actualmente serve de Prior, depois de lido e benzido junto com a pedra, se metteu em um cofre de chumbo, este coberto e chumbado se metteu no mesmo Altar dentro da pedra com todas as formalidades com que se costumam fazer; estas findas se cantou pelos Religiosos a Ladainha de todos os Santos, e no fim della pegaram os ditos convidados em um modo de andor ricamente vestido em que estava a dita pedra, e a foram deitar no lugar que para isso estava preparado acompanhados dos mesmos Reverendos Provincial e Prior, onde fizeram as ceremonias de assentarem com os preparos de martello e colher prateados, que para isso de proposito se fizeram, e finda esta acção se retiraram com a mesma fórma da entrada até a porta da Igreja do Convento; depois de assim findo tornou a Mesa desta Veneravel Ordem ao lugar donde se tinha deitado a pedra e inda estavam o mestre da obra João Duarte e o mestre canteiro José da Maya Brito e Diogo Luiz para de todo cobrirem a pedra: ali todos os Irmãos da Mesa fizeram a ceremonia com o martello, fazendo uma cruz na pedra e deitando com a colher cal a tapar a mesma pedra; e nesta fórma se houve o dito acto por acabado, do que de tudo o dito Irmão Sub-Prior mandou fazer este termo em que se assigna com os mais Irmãos de Mesa.

E eu Manoel Corrêa Pereira, Secretario que o escrevi e assignei. — Manoel Corrêa Pereira. — José Xavier da Silva, *Sub-Prior.* — João da Cunha Neves. — Thomé de Oliveira Penna. — Miguel de Alvarenga Braga, *Procurador.* — João de Souza Proença Penna. — José de Campos Maciel. — Luiz Manoel de Faria. — Fr. José Joaquim de Sant'Anna, *Commissario."*

Perspectiva da rua 1º de Março, vendo-se no primeiro plano a Igreja.

Esperamos que a gentil Maria Antonieta fique satisfeita com as respostas. Em outra chronica daremos conta da terceira pergunta. Até breve, pois, illustre curiosa.

ADALBERTO MATTOS

JACQUES NAM — *Pintor de* GATS —

O SEXO FORTE

(*Desenho de J. Carlos*)

Fortunato — Nós vamos tomar um *omnibus*, não é, Florentina ?

— Mais terremotos ! Que vae ser de nós, se essa desgraça acontecer no Brasil ?

— Compra um aeroplano...

(*Desenhos de Luiz*)

— Vóvó quer que eu case. Mamãe, que eu entre para o theatro. A mim, tanto se me dá... Ou uma coisa, ou outra...

AO ACASO, INTENCIONALMENTE...

A alegria é uma tristeza convencional... ou talvez a unica tristeza sem mascara...

☆

Que é o amor, senão uma infinita piedade?...

— Eu sou a sombra de uma arvore muito longa, sem folhas, sem flores, sem fructos e sem sombra.

☆

— Oh! Não me comprehendas! Eu sou bom!

Recepção no palacete do casal Commandante Edmundo Pereira, em honra da Senhora Theodor Schanz, recem-chegada de Buenos Aires, e festejando o anniversario natalicio da Senhora A. P. Kastrup e do Dr. Gastão Moreira, nosso presado companheiro de trabalho.

— A tua triste alegria! Tu és como um salgueiro que se puzesse a rir...

☆

Viver — é o mais triste dos verbos... O que não impede que a vida seja o mais alegre dos substantivos...

— E se eu fosse feliz, hein? Que horror!...

☆

— Este mundo é ignobil!
— Quem sabe? A ultima palavra ainda não foi dita... e, felizmente, nunca será dita...

C A R L O S   D R U M M O N D

No Club Militar, sabbado da outra semana, durante a recepção ao Sr. General Setembrino de Carvalho, o pacificador do Rio Grande do Sul.

NO INSTITUTO DE MUSICA

M. M.

M. M., pianista, é irmã da M. M., violinsta, já sahida do Instituto com a sua medalha de ouro. As duas, ultimamente, tomaram parte no Concerto de homenagem ao vôvô dos criticos, vôvô dos jornaes.

Mas a M. M. pianista não logrou o mesmo successo da irmã, porque... é assim mesmo. Em se tratando de violino, o piano fica em plano secundario.

Entretanto, não ha como um dia depois do outro.

M. M. está em vesperas de concurso a premio e é uma candidata perigosa!

As demais concorrentes que abram os olhos, porque quem a vê, franzina e com a sua carinha de sonsa, com o seu todinho de rosa em botão, não imagina que ella é uma pianista de uma bravura surprehendente!

Esperem um pouco e verão. A M. M. está destinada a ser, como a irmã, uma triumphadora na carreira.

A. M. L.

Eu ia no bonde de Ipanema. Ao meu lado estava uma gentilissima senhorita vestida de creme. Cabellos cortados, faces e labios pintados sem discreção, vestido curto e ultra collante, ia ella com a attenção repartida entre um caderno velho e muito descuidado e um almofadinha que lhe ficara ao lado direito, na ponta do banco.

A joven não sabia bem o que fazer: se percorrer a lição que tinha deante dos olhos ou se attender á insistencia dos olhos do visinho.

— Quem seria ella? — pensava eu com as minhas fitas.

Na altura do relogio da Gloria o rapaz arriscou uma palavrinha... A joven calou-se... E, como quem cala consente, o almofadinha continuou...

— Quem seria?

Ao chegar ao Passeio Publico, a joven dobrou o caderno e eu pude ler, na capa, o seu nome: A. M. L.

Na curva, desceu, e com ella o rapaz... Foram juntos, conversando, até á porta do Instituto, onde ficaram palestrando...

Seria mesmo, aquelle, o primeiro encontro?

A. M. L...

Quem será?

Mi-Mi

Reunião em casa do casal Eugenio Cavalcanti de Araujo, em regosijo pelo baptisado do seu primogenito Cesar.

A pagina de Snobinette

As *gottas de sangue italiano, que* Mademoiselle *traz nas veias, influiram de certo para fazel-a extranha e terrivelmente superstíciosa. Assim é que* Mademoiselle *se afflige profundamente se na sua casa penetra uma borboleta preta ou lhe entornam na mesa sal ou tinta e tambem se abrem dentro de casa um guarda-chuva ou collocam um chapéo sobre o seu leito. Seguindo o rifão francez:* Araignée du matin, chagrin; araignée du soir, espoir, *prefere ella que seja sempre nocturno o seu encontro com esse tecelãosinho animal. No seu lindo quartinho, enfeitado de* cretonnes *claros, encontram-se* fétiches *e amuletos de toda sorte: elephantes brancos, escaravelhos, bonzos japonezes, gatos pretos, ferraduras, etc. Nunca veste* marron, *nem usa joias de* onix *ou de opala e nada principia em* 13 *ou sexta-feira. Usa sempre no dedo uma sardonia como* porte-bonheur, *e contra* guigne *e máo olhado um trevo de quatro folhas e uma figuinha de Guiné. Todas essas pequenas manias de* Mademoiselle, *apezar de rebatidas pela mamãe, continuam e se affirmam tão genuinamente italianas como as de Napoleão,* l'Empereur, *sobre quem imperaram todas as superstições e d'Annunzio,* o Ensorcelleur *das palavras, que perturbam singularmente feitiçarias e talismans. Assim, não move ella uma palha, sem consultar um chiromante ou adivinho da sua confiança. Ouvindo um dia falar numa das nossas mais populares ledoras de* mala *ou* buena dicha, *foi tambem consultal-a sobre assumptos de ordem sentimental. Predisse-lhe um futuro brilhante de honrarias, luxo e riquezas, mas em que não entrava a figura insinuante do conhecido rapaz, que vem ha tempos a impressional-a sériamente. Desapontada, narrou-lhe* Mademoiselle *o occorrido na ultima festa em que estiveram juntos. Ao que lhe respondeu o terrivel* viveur:

— *Tambem, superstíciosa como é, nunca imaginei que me pudesse levar a serio. Nasci em* 13 *do mez de Agosto —* desgosto — *segundo a crença popular; tenho olhos de onix e alma* changeante *como as opalas, pedras aterradoras na sua opinião. Meu nome mesmo, é natural que assuste a quem saiba dos desgraçados amores e da damnação do meu homonymo immortalisado por Goethe. Esqueça-me, pois, mais uma vez submissa á sua superstição!*

E' o conselho que damos tambem a Mademoiselle, *sobre quem exerce elle no emtanto um sortilegio invencivel de* jettatore, *e que infelizmente, contra todos os oraculos do mundo, estamos certos, superará todas as suas outras crendices e superstições.*

■

A *affectação é em* Mademoiselle *uma segunda natureza, e hoje talvez tão essencial á sua vida quanto a respiração e o movimento. Ouve-se* Mademoiselle *com a mesma intensa curiosidade com que assistimos a uma* précieuse ridicule *de Molière dizer, pedindo uma cadeira:* "Voiturez-nous les commodités de la conversation". *Assim a comprehenderiamos, anachronismo vivo que é, ou então como uma daquellas* Merveilleuses *do Directorio,* maniérées *e lindas, deante de cuja languidez exaggerada e* recherchée *achavam necessario os* Incroyables *supprimir os "r" ou usar o* zézayement, *affirmando-lhes sob* "paole d'honneu" *nada terem visto de mais bello que* "la douzeur de leur vizaze". *Neste seculo de automoveis em carreira desabrida e locomotivas vertiginosas,* Mademoiselle *destoa singularmente com os seus gestos cheios de preguiça e a sua voz de* nonchalance. *O mesmo não aconteceria se tivesse* Mademoiselle *vivido na epocha em que faziam as mulheres sangrias, para mais pallidas se tornarem, e mais dolentes parecerem as suas attitudes. Naquelle tempo, em que era feio trincarem dentes femininos um* beefsteak *sangrento, devendo crer os seus apaixonados que alimentadas eram ellas só por brisas e favonios, nada era mais supremamente* chic *do que* "être prise d'un évanouissement ou tomber en syncope". *E' com franqueza a impressão cheia de susto que me dá* Mademoiselle, *quando a ouço falar: voz* bégayante *de tão lenta, mãos descrevendo volutas no espaço e olhos quasi entornados.* Simplifions-nous, Mademoiselle, simplifions-nous, *é o que tenho ás vezes impetos de gritar-lhe. Tenho certeza, no emtanto, que esse verbo deve ser inteiramente grego a* Mademoiselle.

Na praia do Flamengo, ao anoitecer

■

VIVENDO *com todos os requintes do luxo e da elegancia,* cótoyé *de encantadoras creaturas, quaes flores de estufa, exoticas e raras, vive-lhe comtudo na imaginação a figura, a um tempo rustica e faceira, singela e profunda, da nossa sertaneja,* femme nature, *flor sylvestre e magnifica. Assim é que nos seus romances, rescendentes á matta como as poesias de Catullo Cearense, e impregnados de todo o azul do nosso céo, que num de seus capitulos sorri, até mesmo dentro das poças d'agua do caminho, cercando com ancia de enamorado aquella deliciosa e perturbadora "fructa do matto", perpassam bucolicas figuras de campesinas e "bugrinhas", a quem baptisa elle de nomes tão lindos e suggestivos como o daquella Maria Bonita, cuja belleza era igual á sua desgraça. Nesse antigo habito de achar sempre para os seus livros titulos encantadores, adquiriu elle a graciosa sciencia de, como ninguem, chrismar linda ou adequadamente as pessoas que, de qualquer modo, lhe attrahem a attenção. Num dos ultimos jantares do Jockey, emquanto conversava elle* au dessert *com* Madame, *adoravelmente* babilleuse, *passa-lhe deante dos olhos observadores uma dama, soberba do seu alto porte de feminino granadeiro, com que bem se harmonisam os traços energicos e* les lévres fortes. *Sauda-o, medindo-o com toda a superioridade do seu metro e noventa e das suas largas espaduas de* demi-géante. *Seguindo-a com o olhar, disse apenas o romancista ao ouvido de* Madame: "*Não é uma mulher, é uma* garopa".

Si non é vero, é bene trovato.

SNOBINETTE.

"GARDEN-PARTY" EM HOMENAGEM AO DR. AURELINO LEAL

Um aspecto de conjuncto da linda festa, que reuniu toda a alta sociedade fluminense

Organisado pela **Assembléa** Legislativa, para significar a admiração e a gratidão do Estado do Rio ao Dr. Aurelino Leal, o *garden-party* teve o esplendor dos grandes acontecimentos mundanos, estando presentes, além do ex-interventor federal e do Dr. Feliciano Sodré, os **Drs.** Arnaldo Tavares, Viçoso Jardim, Horacio Magalhães, Oscar Fontenelle, José de Moraes, Octavio Costa, Salvador Conceição, Mario de Lucena, Pio Borges, acompanhados de suas Exmas. Familias.

Theatro Paratodos

O theatro é, flagrantemente um outro mundo, um mundo á parte em que se pensa e se sente de modo diverso do usual entre os mortaes.

Clama, na hora que passa, o povo contra os impostos: pois o maior anhelo neste momento, do artista, é pagar imposto; grita o commercio e a industria contra a taxação de suas rendas: pois não desejam outra coisa os autores quanto á receita de suas peças...

Loucura ou extravagancia? Nada disso! Apenas o desejo de sahir de uma situação falsa e prejudicial.

O Estado não reconhece ainda, entre nós, a carreira theatral como profissão. Um actor não é ainda, no Brasil, um homem de posição definida. O poder constituido ainda não considera seu mistér, como occupação digna de registro, excluindo-o da vida social, não com o intuito de deprimil-o, mas com o evidente proposito de o não tomar a serio.

Pretende a Casa dos Artistas, apezar do seu caracter exclusivamente beneficente, baterse pela modificação desse estado de coisas. Não havendo outro meio nem mais rapido nem mais efficaz de reconhecimento da existencia legal de uma industria ou de uma profissão que o imposto, pedirá a taxação, exigirá para a classe o pagamento de um tributo que a venha integrar na sociedade de que é, de direito, parte constitutiva.

Duque e Gaby, na noite em que se despediram do palco, dansando pela ultima vez em publico, no Theatro S. José.

Por sua vez os nossos escriptores theatraes sonham com uma melhor distribuição de lucros, descontentes com a actual tabella de direitos autoraes. A tabella consegue 30$ e 40$ por espectaculo, havendo alguns que obtêm 50$ extra-tabella, pelo prestigio da propria nomeada. O ideal que os agita é a percentagem da renda bruta, systema em uso em todos os paizes em que a organisação theatral não é um mytho, é de uma equidade que entra pelos olhos.

Para se ter a percentagem, porém, é preciso conhecer-se a renda... Eis ahi o grande obstaculo! As emprezas negam-se peremptoriamente a semelhante devassa. Parece que vivem de se illudirem umas ás outras, e não podem admittir que haja outra entidade, por mais discreta que seja — no caso a S. B. A. T. — que penetre o segredo de quanto produz, diariamente, a bilheteria...

Senhorinhas Duque, depois do exito immenso que tiveram na festa de adeus de Duque e Gaby.

E' um preconceito como todos os preconceitos, perfeitamente tolo e infantil. Em primeiro logar a declaração a um re pre sen tan te dos autores de quanto rendera o espectaculo não equivale á publicidade plena, não

havendo interesse algum da parte do autor de propalar factos de natureza intima como as suas relações commerciaes com as emprezas theatraes; em segundo não seria a declaração da renda da bilheteria que patenteasse o successo ou o insuccesso de uma peça. Não ha quem não sinta, um ou outro, até no dia da primeira representação, quanto mais nos subsequentes, em que o bom ou máo exito se manifesta na concorrencia de espectadores, que não póde ser illudida porque as entradas de favor são, para qualquer afficionado, *immediatamente reconheciveis.*

Não dispondo os autores de força para exigir a alteração da tabella, pensam em obter da Municipalidade seja o imposto por ella cobrado, por funcção, calculado sobre a renda, e não sobre o preço das localidades, como o vigorante. Acreditam que, quebrado o encanto, isto é, forçadas as emprezas a declarar a um fiscal da Prefeitura a receita diaria, admittam uma terceira pessoa no segredo e adoptem a percentagem como uma verdadeira salvaguarda dos seus proprios interesses.

E ahi está porque a gente de theatro tanto deseja pagar impostos. Prometheu, acorrentado, conscio do seu valor, a clamar pela liberdade é, por certo, bem mais interessante que a figura angelica de uma creança, á qual se presta, de ordinario, apenas complacente attenção.

A arte theatral, entre nós, está na sua infancia, e dahi, talvez, a attitude dos poderes publicos. Os artistas, porém, não se sentindo tão infantis, assim consideram que bem póde ser que não os olhem como creanças, mas de outra maneira... E reclamam. E se impõem. E fazem muito bem: ninguem gosta de passar por louco, e não está provado que os artistas sejam loucos...

Mariska, bailarina, do Theatro S. José

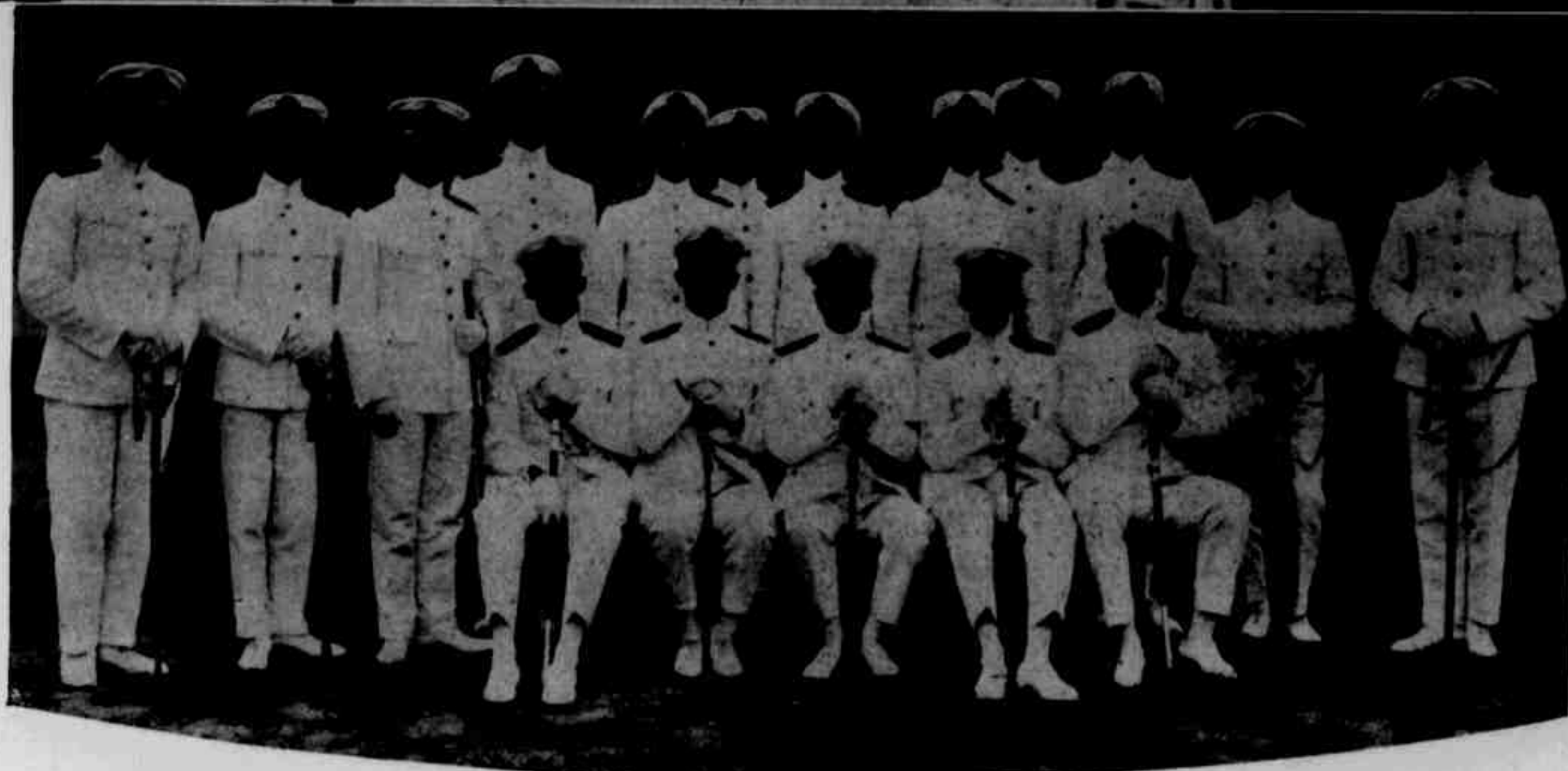
Tem o publico do Rio, desde quarta-feira, um centro de interessantes e alegres diversões: o Palacio Theatro, onde a Empreza José Loureiro explora agora, ao lado de um genero leve de attracções, o cinema, exhibindo em sessões continuas os films de mais gosto e de mais luxo que a arte do silencio editar. Comprehende-se que, dispondo de uma sala ampla, ventilada, e de um jardim convidativo, o Palacio terá a frequencia do elemento feminino, que adora as emoções da cinematographia, tanto mais sabendo-se que a empreza assumiu serios compromissos no objectivo de renovar constantemente os seus programmas

■

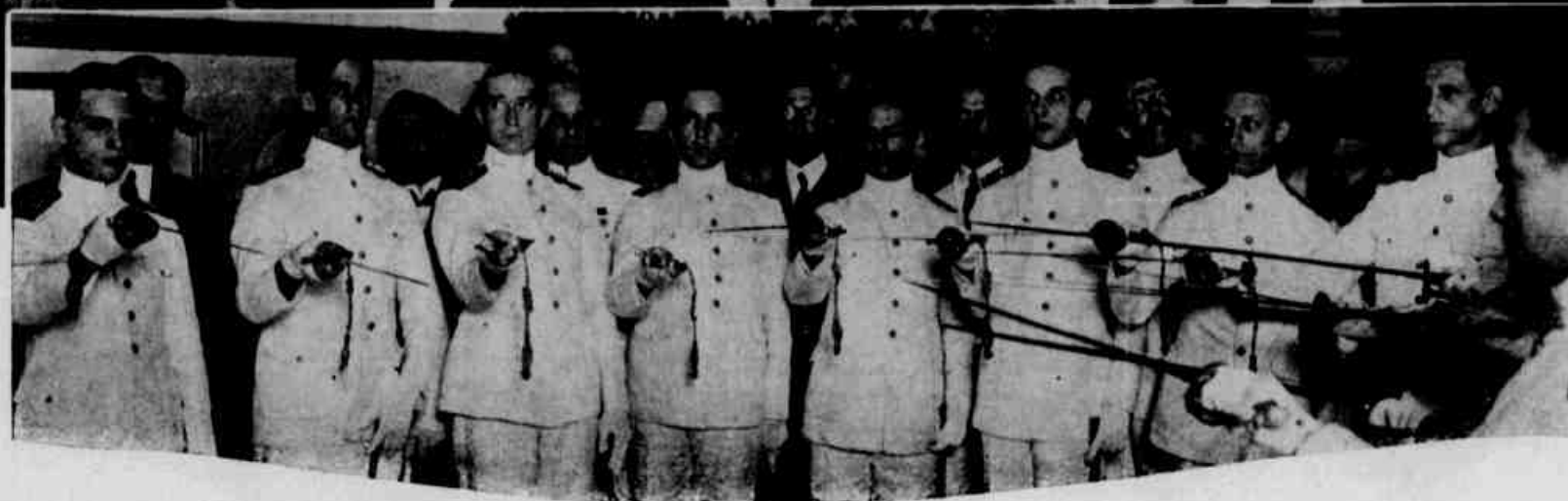
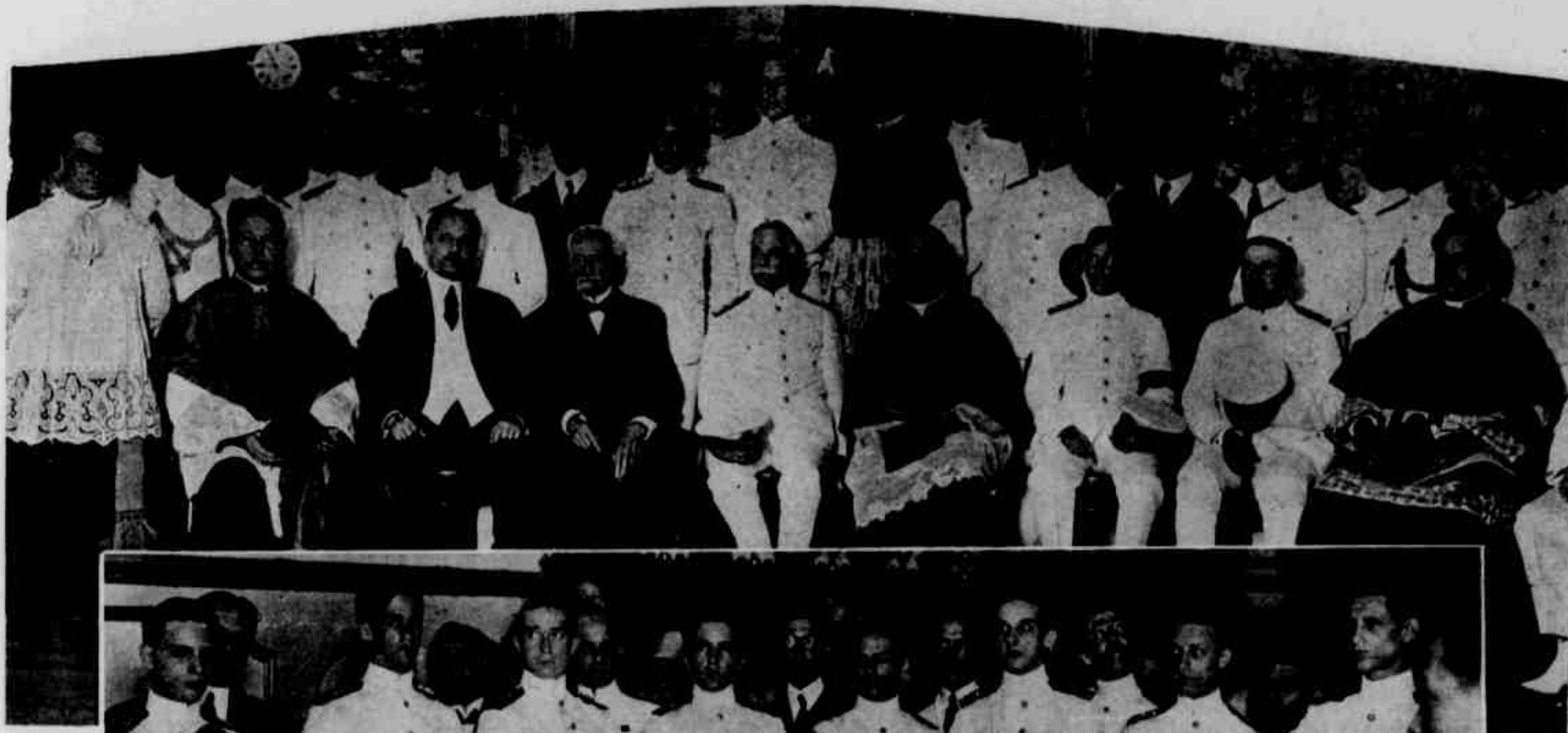
O Carlos Gomes deu-nos, esta semana, peça nova, uma burleta de J. Miranda, em que a Sra. Alda Garrido, voltando ao seu genero predilecto, encarna a caipira Tita, que é a alma da peça do saudoso comediographo. Alda Garrido, nessa burleta, é inexcedivel. Toda a acção de Noite de luar *gyra em torno do seu papel, o melhor de quantos tem ella interpretado. E' de prever, pois, que o Carlos Gomes, com a* Noite de luar, *volte a ter suas lotações esgotadas, durante semanas a fio.*

■

Está a Companhia Ottilia Amorim em vesperas de tournée, *e faz suas despedidas ao publico do Rio. Por isso mesmo as festas ali se multiplicam. Depois da dos autores e a recita offerecida á Federação do Remo, teremos, amanhã, no Recreio, uma interessante* matinée *promovida pelo actor Paschoal Americo; a 25, a recita do actor João de Deus, com um soberbo programma dedicado ao corpo coral e, a 27, despedida da companhia, com grande vesperal promovida pelo actor Cesar Marcondes, espectaculo cheio de attractivos.*

Paschoal Americo, do Theatro Recreio, onde fará, na *matinée* de amanhã, a sua festa artistica, com *Pennas de Pavão*.

Na Escola Naval, quando os novos guardas-marinha prestaram compromisso de honra á bandeira. Pertencem á turma: Fernando Saldanha da Gama Frota, Henrique Fleiuss, Mariz Pinto de Oliveira, Sylvio Borges de Souza Motta, Fernando de Almeida Rodrigues, Luiz Teixeira Martins, Mario de Oliveira Penna, Fussaro Fausto de Souza, Gentil Homem de Menezes, Waldemar de Figueiredo Costa, Eurico Peniche, Lincoln Custodio Nunes, Edgar de Serra do Valle Pereira, Nilo de Figueiredo Costa, Luiz Inimá de Miranda e Jayme Huet Bacellar Pinto Guedes.

OS NOVOS GUARDAS-MARINHA

A BENÇÃO DAS ESPADAS, DOMINGO, NA CATHEDRAL METROPOLITANA, COM A ASSISTENCIA DO SR. ALMIRANTE **ALEXANDRINO DE ALENCAR**

Cinema Para todos...

Chronica

O NOSSO COMMERCIO CINEMATOGRAPHICO
(ATRAVEZ DA CENSURA)

Como nos annos anteriores, recebemos a estatística dos films censurados durante o anno de 1923, organisada pelo competente funccionario Dr. Robert Etchebarne. Desse documento colhemos as seguintes informações, que transmittimos aos nossos leitores.

O numero de films censurados foi de 1.321 com 1.940.814 metros de extensão (1.940 kilometros, mais de tres vezes a distancia em estrada de ferro do Rio a S. Paulo) e mais 40 em serie com 433 episodios e 1.012 partes.

Em 1922 fôra de 1.314 e em 1921 de 1.295, um total nos tres annos de 3.957 films.

Dos films censurados em 1923, 349 com 520.500 metros pertenciam á Universal; 197 com 322.492 metros á Companhia Pelliculas de Luxo (Paramount); 180 com 140.280 metros á Fox Film; 163 com 276.320 a F. Matarazzo & Cia.; 82 com 98.560 a Marc Ferrez e Filhos; 77 com 159.600 á Companhia Brasil Cinematographica; 71 com 111.861 a Arietta & Cia.; 55 com 82.300 metros a C. Bieckark & Cia.; 34 com 65.150 a Leon Abram; 30 com 49.050 a Ponce e Irmão; 19 com 37.100 a Rombauer & Cia.; 18 com 34.050 a Vital Ramos de Castro; 14 com 13.350 a Pinfildi & Cia.; 10 com 2.030 á Brasilia Film; 8 com 4.750 á B telho Film; 6 com 13.301 á Companhia Industrial de Pelliculas America; 3 com 2.100 á Guanabara Film; 2 com 3.670 a Natalini & Barreto; 1 com 3.000 á Agencia Cinematographica Ideal; 1 com 1.200 a Luiz Grentner; 1 com 150 metros a Noviz & Frota.

Dos 349 films da Universal 103 eram em 1 parte e 114 em 2 partes (jornaes e comedias), 73 em 5 partes, 22 em 6, 14 em 7, 6 em 8, 1 em 9 e 1 em 10; 15 series com 197 episodios e 394 partes.

Da Companhia Pelliculas de Luxo os 197 films eram: em uma parte 17, em duas 15, em cinco 58, em seis 43, em sete 34, em oito 23, em nove 3, em dez 4; nenhuma serie.

Dos 180 da Fox Film eram 72 em uma parte, 51 em duas, 38 em cinco, 9 em seis, 2 em sete, 1 em oito, 4 em nove e 2 em dez; mais uma serie com 2 episodios e 12 partes.

Dos 163 de F. Matarazzo & Cia. eram em uma parte 14, em duas 18, em tres 16, em quatro 1, em cinco 26, em seis 55, em sete 22, em oito 4, em nove 1 e mais 6 series com 90 episodios e 186 partes.

Dos 82 de Marc Ferrez & Filhos 39 eram em uma parte, 15 em duas, 1 em tres, 14 em cinco, 6 em seis, 1 em sete e 6 series com 56 episodios e 126 partes.

Dos 77 da Companhia Brasil Cinematographica eram 3 em uma parte, 9 em duas, 1 em tres, 1 em quatro, 5 em cinco, 32 em seis, 12 em sete, 6 em oito e 3 em nove partes; mais 5 series com 49 episodios e 131 partes.

Dos 71 dos Srs. Arietta & Cia. 18 eram em duas partes, 6 em cinco, 21 em seis, 20 em sete, 4 em oito e 1 em nove partes; mais 1 serie com 4 episodios e 25 partes.

Dos 55 de C. Bieckark & Cia. em uma parte 4, em duas 4, em cinco 22, em seis 23 e em sete 2.

Sr. Al. Zeckler, gerente no Rio de Janeiro, e sub-gerente, no Brasil, da Universal, uma das figuras de mais valor no meio cinematographico brasileiro.

Dos 34 de Leon Abram era 1 em uma parte, 18 em cinco, 10 em seis, 3 em sete e 1 em nove partes; mais 1 serie com 5 episodios e 20 partes.

Dos 30 films de Ponce e Irmão era 1 em duas partes, 2 em tres, 9 em cinco, 16 em seis e 2 em sete partes.

Dos 19 de Rombauer & Cia. eram em uma parte 3, em cinco 6, em seis 4, em sete 3, em oito 1 e mais 2 series com 6 episodios e 33 partes.

Dos 18 do Sr. Vital Ramos de Castro 10 eram em uma parte, 2 em cinco, 3 em sete e mais 3 series com 24 episodios e 85 partes.

Estes os principaes. Tocam na metragem: á Universal quasi 28 por cento; á Paramount quasi 17 por cento; a F. Matarazzo & Cia. pouco mais de 14 por cento; á Companhia Brasil Cinematographica pouco mais de 8 por cento; á Fox Film pouco mais de 7 por cento; a Arietta & Cia. perto de 6 por cento; aos Srs. Marc Ferrez & Filhos 5 por cento; a C. Bieckark & Cia. pouco mais de 4 por cento; a Leon Abram pouco mais de 3 por cento; e aos demais percentagens menos ponderaveis.

Desprezando os films em 1 e 2 partes e as series, pertencem á Paramount 165 films dos 719, em 5 a 10 partes, isto é, quasi 23 por cento; á Universal 117 ou 16 por cento; a F. Matarazzo & Cia. 108 ou 15 por cento; á Companhia Brasil Cinematographica 58 ou 8 por cento; á Fox Film 56 ou mais de 7 por cento; a Arietta & Cia. idem; a C. Bieckark & Cia. 47 ou pouco mais de 6 por cento; a Leon Abram 32 ou pouco mais de 4 por cento. Os mais percentagens pouco ponderaveis.

Eram esses films: americanos 1.098, francezes 68, italianos 55, allemães 36, brasileiros 31, argentinos 15, austriacos 11, portuguezes 2, dinamarquezes 2, inglez 1, hespanhol 1 e rumaico 1. As percentagens são: Estados Unidos 83 por cento; França 5,1 por cento; Italia 4,1 por cento; Allemanha 2,7 por cento; Brasil 2,3 por cento; Argentina 1,1 por cento; Austria 0,83 por cento; e os mais quantidades pouco ponderaveis. As marcas eram: Universal 298, Fox Film 180, Paramount 153, Pathé New York 76, Robertson Cole 72, Metro 69, First National 69, Goldwyn 46, Unione Cinematografica Italiana 46, Pathé 25, Hodkinson 18, e as demais em menor quantidade. Quanto á censura propriamente dita, foram prohibidos 4 films, sendo 1 da Fox Film, 1 da Connelli Film, 1 da Botelho Film e 1 da Exclusive Agence, quer dizer 1 americano, 1 francez e 2 brasileiros, estes naturalmente por motivos politicos. Dos films approvados com modificações 16 foram considerados improprios para creanças, sendo 8 americanos e 8 allemães.

Foram cortados apenas 281 metros dos 61.899, que tinham os films approvados com modificações; sendo 23 m. 50 dos allemães, 194 m. 50 dos americanos, 26 m. 00 dos brasileiros, 30 m. 00 dos italianos e 5 m. 00 dos argentinos.

Os films approvados com côrtes foram 30: 14 americanos, 10 allemães, 3 brasileiros, 1 italiano, 1 argentino e 1 francez.

OPERADOR.

The Song of Love é o novo titulo (definitivo agora) do novo film de Norma Talmadge, começado como *The dust of Desire*. Frances Marion e Chester Franklin são os directores. Joseph Sildkraudt e Edwin Carewe encarregaram-se dos principaes papeis masculinos.

☆ ☆ ☆

Sundown, o grande film que a First National está produzindo, é do genero *Bandeirantes*, da Paramount, que continúa em pleno successo nos Estados Unidos, batendo o *record* de permanencia na tela. Roy Stewart tem nesse film o principal papel.

A PROGRAMMAÇÃO DA METRO...

para Setembro de 1923 — Maio de 22 comprehende os seguintes films: *The french doll* (Mae Murray), *Strangers of the Night* (Fred Niblo), *Rouged Lips* (Viola Dana), *Three ages* (Buster Keaton), *Desire*, *Eternal struggle* (R. Barker), *Eagle's feather* (especial), *The Social Code* (Viola Dana), *Pleasure Mad* (R. Barker), *Held to answer* (especial), *Hospitality* (Buster Keaton), *Long live the King* (Jackie Coogan), *Fashion Row* (Mae Murray), *In search of a thrill* (Viola Dana), *A Wife's romance* (Clara Kimball), *The man whom life passed by* (especial), *Half a dollar by*, *The Good bad girl* (Viola Dana), *Thy name is woman* (Fred Niblo), *The fool's awakening*, *The uninvited guest* (em côres), *Happiness* (Laurette Taylor), uma de Buster Keaton e duas de Jackie Coogan, ainda innominadas, *Mademoiselle Midnight* (Mae Murray), *One night in Rome* (Laurette Taylor), *The Arab* (Rex Ingram), *A boy of Flanders* (Jackie Coogan), duas de Viola Dana, ainda sem nome, *Shooting of Dan Macgrew*.

☆ ☆ ☆

Em *The French Doll*, da Metro, Mae Murray apparece com trinta *toilettes* differentes, muitas feitas em Paris, sobre desenhos da propria *estrella*.

☆ ☆ ☆

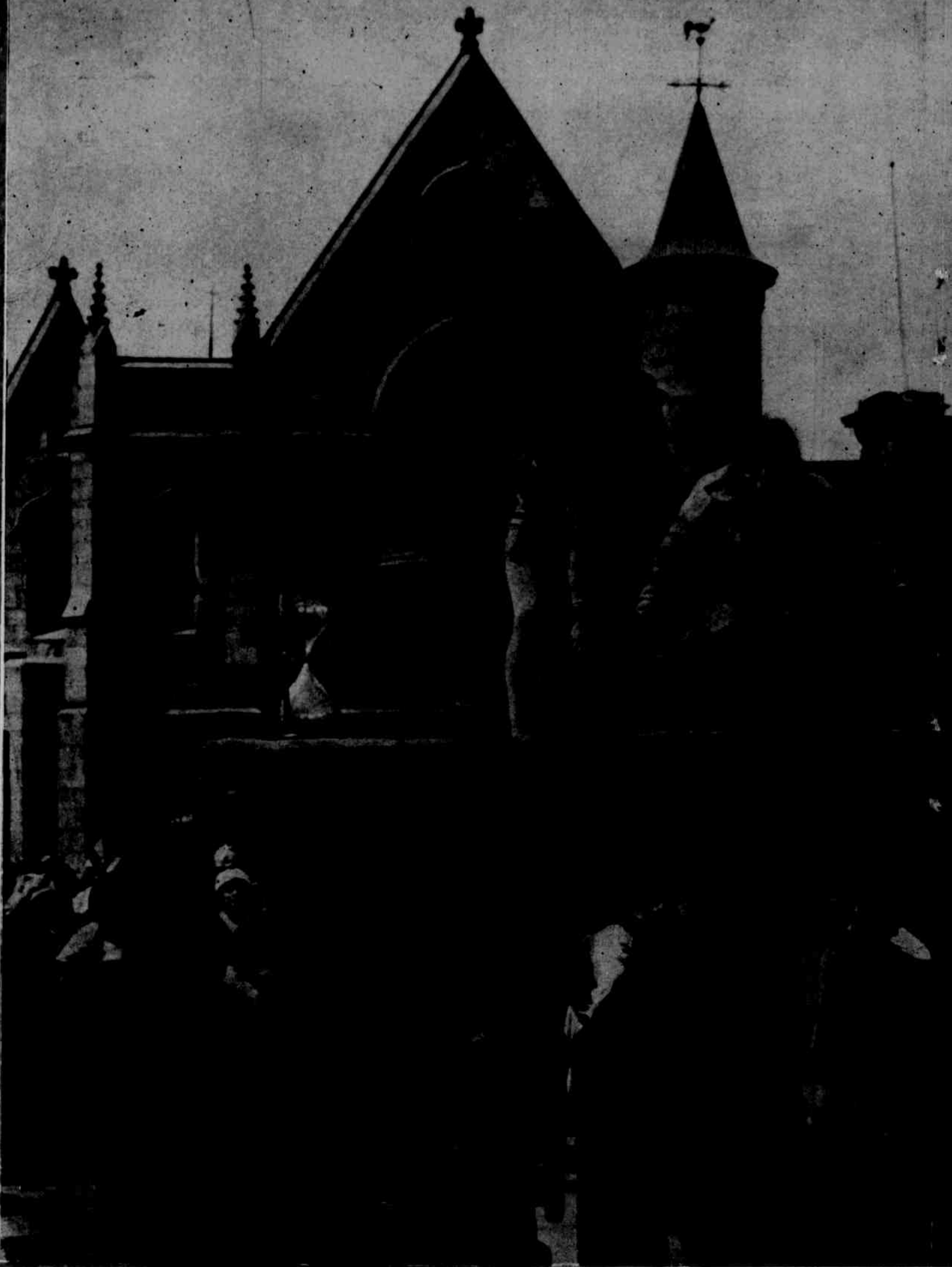
Viola Dana está fazendo uma fita, *In search of a thrill*, em que ha almas do outro mundo, fantasmas, o diabo. Um dia destes, no intervallo entre duas scenas, a trefega rapariga voltando-se para a sua nova creada, uma roliça mulata de Nova Orleans, perguntou-lhe:

— Você por acaso nunca escutou vozes mysteriosas que faziam perguntas extranhas ?

— Como não, minh'ama ? Quantas vezes !

— Em que occasião ? retorquiu a *estrella* espantada.

— Quando falo ao telephone.

1) *Rex Ingram, Alice Terry e o capitão do navio que os levou ao Cairo.* 2) *Os Ingram e Curt Relfeld, seu* production manager. 3) *Rex explicando a Novarro e Alice uma das ultimas scenas do seu film* Scaramouche, *para a Metro.*

UMA SCENA DO FILM "NOTRE DA

E DAME DE PARIS", DA UNIVERSAL

A causa da morte de Alan Holubar, o conhecido director de scena, marido de Dorothy Phillips, foi uma pneumonia contrahida quando trabalhava ao ar livre; muito fatigado depois de um dia inteiro de trabalho, metteu-se na piscina de sua residencia. Duas horas depois assaltaram-n'o violentos calafrios e declarou-se intensa febre, apezar dos esforços de varios medicos e dos cuidados da esposa e amigos, pois que Alan era muito estimado por suas bellas qualidades e excellente espirito de camaradagem, a molestia proseguiu com violencia, matando-o em quatro dias.

☆ ☆ ☆

O casamento de James Cruze e Betty Compson parece decidido. Estão só a espera que o tribunal pronuncie a sentença de divorcio de Cruze e Marguerite Snow.

☆ ☆ ☆

Hope Hampton (que aqui para nós, muito á puridade, é uma artista muito sem graça) vae deixar a tela, passando para a comedia musical. A direcção é de Marcel Sherbier.

☆ ☆ ☆

Os novos adoradores de Pola Negri, em Hollywood, são agora Rush Hughes, filho de Rupert Hughes, e Charles Blumenthal; pelo menos é o que dizem os *potins* da Filmlandia.

☆ ☆ ☆

Pelo contracto que manteve por muito tempo com a Paramount, Mary Pickford vencia annualmente 520.000 dollars, isto é, 1.444 dollars (14:440$000) por dia.

☆ ☆ ☆

Um admirador de Carmel Myers mandou-lhe de presente um dia destes uma avestruz. A gentil artista ficou muito lisonjeada com a lembrança do seu admirador, fazendeiro no Sul da California, mas vive a perguntar a todo mundo:

— Que diabo eu poderei fazer com esse bicho?

☆ ☆ ☆

O salario de Norma Talmadge é de 10.000 dollars (100 contos) por semana. O de Constance é a metade.

☆ ☆ ☆

Conway Tearle é dos *astros* o que mais ganha semanalmente: 2.750 dollars (27:500$000).

☆ ☆ ☆

Barbara La Marr descobriu um tenor. Chama-se elle Daniel Higgins, foi marinheiro e soldado e tem uma voz maravilhosa, se bem pouco educada. Higgins foi companheiro de Jack Dougherty, marido de Barbara, na guerra. Fizeram amisade nas trincheiras.

☆ ☆ ☆

O casamento de May Mac Avoy e Glenn Hunter foi já decidido. May deu que falar quando namorada de Eddie Sutherland. A mãe da *estrella*, porém, oppoz-se ao consorcio, allegando a juvenilidade de May. Eddie, que não esteve pela espera, passou a mão e casou-se com Marjorie Daw.

☆ ☆ ☆

Al Wilkie, publicista do *studio* Lasky, contractou casamento com Mae Busch. O ex-marido desta, Francis Mac Donald, casou-se com Belle Roscoe, que fôra casada com Alberto Roscoe. Este por sua vez casou-se com Barbara Bedford, divorciada de Irvin Willat, que por seu lado acaba de consorciar-se com Billie Dove.

E... *così va il mondo e noi insieme.*

☆ ☆ ☆

Consta o casamento de Irene Rich com um rico banqueiro de Pasadena.

1) *Betty Compson.* 2) *Jackie Coogan.* 3) *Viola Dana e Warner Baxter, seu galã, em* In search of a thrill.

ABSOLVIDO

Quem é o assassino de Andrew Prentice? Todos os jornaes imprimiram esse titulo em letras garrafaes, quando se espalhou a noticia da morte do mais rico philantropo de New York. E o mysterio era tanto mais inexplicavel, quanto não se conhecia um só inimigo do capitalista.

Que o roubo não fôra o motivo do crime, ficou estabelecido nas primeiras averiguações feitas ao se deparar com o cadaver na imponente bibliotheca da sua residencia, á Quinta Avenida. A hora do crime ficara tambem registrada no relogio que o aggressor quebrara, ao vibrar a pancada que partira o craneo de Prentice: os ponteiros estavam paralysados nas doze horas menos oito.

As conjecturas sobre o possivel assassino iam no auge, quando estourou a segunda sensação: Kenneth Winthrop, um dos dois filhos adoptivos de Prentice, era apontado como autor do delicto. E os jornaes publicaram todos a photographia de Kenneth, ao lado de sua noiva, outr'ora Madeline Ames, cujo casamento estava ainda fresco na memoria do publico, pelo extraordinario incidente que então occorrera.

A cerimonia ia em meio, quando o outro filho adoptivo de Prentice, Robert Armstrong, penetrando na egreja pretendeu interrompel-a. E na sacristia elle declarara que Kenneth Winthrop era um *leproso moral*, pois quem devia estar ali ao seu lado, recebendo a benção, era Edith Craig, secretária de Prentice, cujo amor elle ultrajara.

A voz da joven esposa do accusado tremia ao rememorar os tristes factos perante o tribunal. Depois ella contou a exclamação de Prentice, ante a revelação que acabava de fazer Armstrong, e o desapontamento deste ao saber do compromisso de Prentice com a sua bella secretária, coisa que todo mundo ignorava.

Prentice pedira as provas: Armstrong não pudera dar outra coisa além da sua affirmação; Madeline accusara o seu acto de uma vingança de ciumes, por haver ella

...não livraria da cadeira electrica.

repellido o seu amor, e Armstrong tivera de bater em retirada.

O casamento proseguiu, Prentice desculpou o seu gesto, observando que a *louca paixão do rapaz pela mulher que se tornara esposa de Kenneth lhe transtornara o juizo*, e assim Armstrong viu-se afastado do resto da familia. A segunda testemunha a depor foi o velho criado, que encanecera a serviço da familia Prentice. Contou uma scena que surprehendera entre seu defundo patrão e Miss Craig, em que esta cahira em pranto, quando, um dia, Prentice lhe pediu jurar que entre ella e Kenneth nunca houvera nada.

Depois o promotor lhe perguntou, soprado por Armstrong, que se apresentara auxiliar da accusação, se alguem visitara Prentice na noite do crime.

— O Sr. Kenneth, respondeu elle, eram 9 horas da noite quando eu lhe abri a porta. Nesse momento Miss Craig desceu apressada e ia-lhe falar qualquer coisa, quando me percebeu. Falou-me então rispidamente que fosse cuidar do meu serviço. Eu não estava espionando...

— Sim, está claro, atalhou o promotor. E que houve depois?

— Miss Craig e o Sr. Kenneth entraram para o salão da bibliotheca, batendo-me ella com a porta no rosto.

O promotor orientava o interrogatorio, e o criado ia expondo que vira o Sr. Prentice, que uma hora depois o chamara, da sala que dava para a livraria. Quando elle entrou, seu amo sentado na escrivaninha dobrava uma carta, dentro da qual collocava algumas tablettesinhas brancas. Fechada a carta, entregara-a a elle para pôr no correio, ordenando-lhe que voltasse em seguida para junto delle na bibliotheca.

A carta era endereçada ao Sr. Robert Armstrong, no Hotel Stanhop, New York. Ao voltar, proseguiu a testemunha, encontrara a porta fechada e só depois de bater varias vezes, é que appareceu a cabeça de Kenneth Winthrop, que lhe disse não

...ajudasse-a a salval-o, apresentasse a carta...

precisar mais o Sr. Prentice dos seus serviços naquella noite.

Elle se retirou para seu quarto e não viu a hora em que Winthrop se retirara. O defensor, Carter Ames, em seguida pediu ao juiz que solicitasse de Armstrong a apresentação da carta referida pelo criado James.

Armstrong levantou-se declarando nunca ter recebido tal carta. Foi depois ouvido o *chauffeur* do *taxi* que conduzira Kenneth da casa de Prentice. Essa testemunha informou ter tomado o passageiro á meia noite, tendo certeza da hora, por lh'a haver perguntado o accusado. Como elle não tivesse relogio, lembrara-se do que existia numa charutaria da esquina, e, guiando o seu carro por ali, verificara ser exactamente meia noite.

O passageiro, então se admirara, dizendo que o seu relogio pulseira marcava apenas 11,30. Essa questão da hora era controvertida, pois se o dono da charutaria, ao ser ouvido, protestara pela excellencia do seu relogio, Edith Craig, quando chegou a sua vez de ser ouvida, confirmou que Kenneth deixara a casa exactamente ás 11,30.

O advogado pediu-lhe que narrasse o que se passara quando ella penetrou na bibliotheca com Kenneth, como referira o criado, e Edith pormenorisou: encontrara Prentice junto á chaminé e sentara-se com Winthrop ao lado delle.

Prentice informara-lhes, então, que tinha feito um novo testamento, legando a Kenneth Winthrop, deixando só um dollar a Armstrong, pelas razões que este sabia. Winthrop objectara contra tal decisão. Prentice se enfurecera, mas ambos, ella e elle, afinal geitosamente o haviam convencido a ser mais benevolente com o outro filho adoptivo.

Ás 11,30 Kenneth retirara-se, ella o vira tomar o *taxi*. As provas se accumulavam contra o accusado, mas Madeline sabia que seu marido era innocente e o coração lhe dizia quem era o verdadeiro criminoso. Suspensa a sessão naquelle dia, ella voltou á casa com o espirito acabrunhado, mas aferrado ao pensamento de fazer tudo para salvar o esposo.

Edith que ficara em casa della, para assistil-a moralmente, emquanto durasse o processo de Kenneth, viu-a nessa mesma noite sahir agitada. Ia tentar um passo decisivo, dizia ella a Edith. Pouco depois entrava em casa de Prentice e corria ao salão da bibliotheca, onde havia luz. A uma mesa Armstrong examinava uma porção de documentos. Madeline supplicou-lhe: elle sabia que Kenneth era innocente, ajudasse-a a salval-o, apresentasse a carta escripta por Prentice, que ali estava a chave do mysterio.

— Prova-me o teu amor, dizia ella, fazendo-se carinhosa e seductora.

Mas não tardou a convencer-se da inutilidade da sua tentativa. No dia seguinte, ao ouvir o discurso pronunciado pelo promotor, Madeline sentiu que tudo estava perdido e que nada livraria seu pobre Kenneth da cadeira electrica.

O tribunal deliberava, mas de repente Madeline teve uma inspiração e deixou a sala a correr. Fôra direita á charutaria, e verificou que o relogio, a que o *chauffeur* se referira, ficava por traz de uma grande balança, cujos dois ponteiros davam a illusão, a quem olhava de certo ponto, de serem os ponteiros do relogio e marcarem exactamente doze horas.

Voltando ao tribunal com essa evidencia, pouco depois tinha a grata emoção de cahir nos braços do marido absolvido. Armstrong sahiu furtivo do tribunal e achava-se horas mais tarde na bibliotheca de Prentice, quando James lhe annunciou a visita de um representante da policia.

— Póde introduzil-o, James, e fecha a porta quando sahires.

A voz de Armstrong era imperturbavel.

— Que deseja?

E não havia tom nem vida na voz que interpellava o visitante.

— Creio que esta é a carta desapparecida e que era considerada tão importante chave do mysterio, disse o homem. E ajuntou:

Conseguimos apanhar o bando que assaltou o caminhão da collecta, e eu tenho acompanhado com grande interesse o caso Prentice.

Os dedos de Robert tremiam, ao pegarem naquelle papel escripto pela mão que

(*Termina no fim da revista*)

...mas Madeline sabia que seu marido era innocente...

No Concurso de Robustez de Creanças

Organisado pela Prefeitura e pelo "Patronato de Menores"

a Creança que alcançou o 1º Premio teve, no "Nutrion", o principal factor de sua Robustez

Sob a presidencia do Dr. Alaor Prata, dignissimo Prefeito desta Capital, realisou-se, no dia 18 de Julho deste anno, no salão de despachos do Palacio da Prefeitura, a cerimonia da leitura do laudo da commissão nomeada para ju'gar o *Concurso de Robustez de Creanças* organisado sob os auspicios da Municipalidade e do "Patronato de Menores".

PARECER DA COMMISSÃO JULGADORA

O parecer desta commissão, composta dos illustres medicos Professor Olintho de Oliveira (presidente), Leonel Gonzaga, Silva Porto e Eduardo Meirelles, é um trabalho notavel pela competencia scientifica revelada nos processos de selecção dos concorrentes. As suas conclusões, por isso, adquirem uma alta autoridade para conferir ás creanças premiadas um indiscutivel titulo exponencial de robustez e de saude. Deste brilhante parecer, merece ser destacado o seguinte trecho:

Estudando attentamente as suas respectivas fichas, verificámos, desde logo e unanimemente, que 5 dentre estas creanças apresentavam condições de superioridade manifesta sobre as outras, merecendo, portanto, e sem contestação, os primeiros logares. Houve maior difficuldade em decidir da ordem em que deveriam ficar collocadas. Resolvemos, então, apreciar em separado os "itens" essenciaes a cada ficha, utilisando cada um de nós 3 pontos para exprimir numericamente a sua impressão, relativa a cada "item" de cada candidato. A somma destes pontos deu a seriação procurada. Ficaram assim classificados os 5 melhores candidatos:

1º logar: MARIA DO CARMO, 6 mezes, filha de João Pereira Bretas e D. Frederica da Silva Bretas, etc., etc.

A pequena Maria do Carmo, 1º premio do "Concurso de Robustez"

O QUE A ROBUSTEZ DE MARIA DO CARMO DEVE AO "NUTRION"

Foi o "Nutrion", o grande fortificante nacional, que recolheu a melhor recompensa desse *certamen*: o resultado do *Concurso de Robustez de Creanças* veiu evidenciar de modo inconfundivel o valor do "Nutrion" como tonico e reconstituinte de incomparavel efficacia no combate á fraqueza organica, á debilidade physica e á desnutrição, tanto de adultos como da infancia.

Em importante documento relativo a suas observações sobre o "Nutrion", o illustre medico do Rio de Janeiro, Dr. Luiz Nazareth, confirma os meritos scientificos e therapeuticos deste preparado, atravez de suas referencias ao caso da pequena Maria do Carmo que, com o auxilio do poderoso tonico, — usado por sua progenitora, Exma. Sra. D. Frederica da Silva Bretas, no periodo de amammentação, — conquistou o referido 1º premio de Robustez no importante concurso da Prefeitura e do "Patronato de Menores". Da valiosa communicação do Dr. Luiz Nazareth, destacamos o seguinte trecho:

... ...

A minha cliente Exma. Sra. D. Frederica da Silva Bretas, esposa do Sr. João Pereira Bretas, residente á rua Conde de Lage nº 33 (Rio de Janeiro), convalescendo de uma grave febre puerperal, apresentava um estado geral de extrema debilidade. Enfraquecida, anemica e muitissimo lymphatica, — as suas condições organicas eram as mais precarias para a amammentação de sua filha recemnascida que, alimentada por um leite pobre de principios nutritivos, participava da debilidade materna.

Sem demora, prescrevi á convalescente o uso continuado do "Nutrion". Em pouco tempo ella readquiria a saude, augmentava de peso e sua filhinha Maria do Carmo, aos seis mezes de edade, sem outra alimentação além do leite materno, obtinha o 1º premio no Concurso de Robustez, instituido pela Prefeitura do Districto Federal e realisado ultimamente.

Receito habitualmente o "Nutrion" em minha clinica, com uma solida confiança adquirida em experiencias anteriores e sempre confirmada por novos exitos.

DR. LUIZ NAZARETH

"NUTRION" PODEROSO TONICO

O "Nutrion" é um tonico que muito convem ás senhoras gravidas e ás mães que amammentam, porque não só promove a nutrição da creança durante a vida intra-uterina como produz ou augmenta a riqueza nutritiva do leite do seio materno.

Além disto, o "Nutrion" é um fortificante de primeira ordem para combater a fraqueza, a magreza e o fastio. O grande medico Professor Miguel Couto declara em attestado que, entre os fortificantes conhecidos, *dá a sua preferencia ao* "Nutrion".

A NOSSA CAPA

Thomas Meighan é hoje uma das mais queridas figuras masculinas da tela. E' um individuo calmo, concentrado, extremamente simples. E' na vida real, tal qual o vemos na tela. E' casado. A sua esposa, como se sabe, chama-se Frances Ring, tambem uma creatura simples e muito recatada. Em algumas photographias parece feia, porém em outras faz salientar traços caracteristicos da verdadeira belleza. Mas sobretudo é extraordinariamente sympathica e a sua palestra é das mais agradaveis em toda Hollywood. E o que é mais maravilhoso, é que são felizes ! Por qualquer assumpto Thomas fala de sua companheira. Chega a ser maçante. Uma vez, Bebe Daniels se queixou disso.

— Meu Deus, Thomas já está insupportavel quando começa a falar da esposa ! E ninguem póde dizer coisa alguma que lhe não dê motivo de falar nella ! Quando se trata de mulheres, então, já se sabe que elle se refere que ninguem é mais bella, nem melhor creatura do que ella !

Um dia destes, sem querer, eu analysava com Conrad Nagel a cabelleira loura de Maude Wayne. Depois Conrad lembrava uma mulher de lindos cabellos que conhecera quando em tempos trabalhara num film de Alice Brady. Chegou Thomas Meighan e foi logo dizendo que a côr de cabellos, que elle preferia, era a da sua esposa, e que ninguem tinha cabelleira mais linda do que a della !

Não se póde perguntar a elle se "fulana" é sympathica ou bonita. Acha logo que ninguem o é como sua mulherzinha !

Thomas conta que diversas vezes, quando trabalhava no palco, foi tentado pelo cinema. Numa dellas, foi Samuel Goldwyn, verdadeiramente Samuel Goldfish, que o convidou, quando *trunfo* nos *studios* Lasky. Formulou um contracto e poz a penna na mão de Meighan.

— Mas espere, disse elle — quantas horas eu tenho que trabalhar ?

— Ora, você começa ás seis.

— Que ? ás seis ?

— Sim, póde vir tambem ás 6 e meia, ou mesmo ás sete.

— Não, nada disso. Não me serve !

Não me levanto da cama senão ás oito ou nove horas. Eu trabalho no theatro, porque é o unico emprego que me permitte ficar na cama até a essas horas !

E não acceitou !

Depois disso, foi a Londres umas tres vezes e afinal acabou entrando mesmo para o cinema, estreando em *The Fighting Hope*, ao lado de Laura Hope Crews, uma actriz, de quem os leitores talvez não se lembrem mais...

Em seguida, foi o galã de Charlotte Walker em *Kindling* e depois o de Blanche Sweet e Marie Doro e ainda o de Billie Burke e Pauline Frederick em innumeros films... Chegou o convite de Loane Tuker para figurar em *O homem miraculoso* e o de De Mille para *De Fidalga a Escrava* e eil-o entre as celebridades da arte das imagens animadas ! A unica coisa que o enraivece é ouvir seu nome mal pronunciado ! Fica furioso !

— Não sou *My-gan*, nem *Mee-gun*. Eu sou *Mee-an !* — repete elle mil vezes !

Wallace Reid era quem mais fazia troça com isto.

— Bom dia, seu *Meig-ham*, — dizia elle quando chegava todos os dias !

Richard Barthelmess tambem pilheriava muito, mas o sympathico Thomas começou a chamal-o de *Barthelméss*, com accento na ultima syballa, e hoje elle tambem se *queixa* com a historia.

— Eu sou BART*helmess!!*

☆ ☆ ☆

No proximo numero — Alice Terry.

Marguerite De La Motte, em Os 3 mosqueteiros.

Dorothy Dalton

Emily Fitzroy e Ben Alexander

DENTRO DA LEI

Densas nuvens tempestuosas ajuntam-se a Leste, formando vultos fantasticos e ameaçadores, a cada instante illuminados pelo clarão dos relampagos. Dir-se-ia que uma horda de animaes selvagens se preparava para destruir a cidade.

Mary Turner debruçou-se á janella do escriptorio de Gilder e fitou apavorada a escura nesga do céo, visivel entre os altos edificios.

Nesse instante uma serpente de fogo zig-zagueou pelo espaço e o ribombar de um trovão atirou a joven — pallida de terror — a uma cadeira no canto da sala.

Edward Gilder, grave e austero, assomou á porta e dirigiu-lhe um olhar perscrutador.

Ella o fitou com timidez, embora perguntasse a si mesma a verdadeira causa de seus temores.

Gilder voltou ao corredor, trocou algumas palavras com Helen Morris — uma de suas empregadas — e ambos lançaram-lhe um olhar furtivo.

Mary era uma formosa figura de mulher, porém em nada pretenciosa ou futil. Nem por um instante ella suppoz que o patrão lhe estivesse enaltecendo os dotes. Antes, sua attitude se lhe afigurou algo suspeita.

Gilder e Helen pareciam conspirar.

Fóra, a tempestade rugia.

Para Mary esse rugir era o preludio da terrivel tempestade moral, que sobre sua cabeça se desencadearia em breve.

E a tormenta irrompeu, medonha, cruel, a ponto de tornal-a muda de terror, sem palavras para se defender.

Duas pesadas mãos cahiram sobre seus hombros, atirando-a de joelhos; dois olhos ferinos, fitos em seus meigos olhos, dardejavam accusações. Gilder praguejava.

— Mas que ha? indagou ella anciosa.

— És uma ladra! vociferou Gilder. Confessa. Dize quanto me roubaste ?

Tudo aquillo lhe parecia um sonho, um terrivel pesadelo.

O passado fôra real, o futuro tambem o seria, mas o presente devia ser a fantasmagoria de um sonho aterrador.

As horas soffridas no estreito cubiculo, humido e sombrio, sua resistencia ás insistentes arguições dos *detectives*, o firme proposito do Sr. Gilder de vel-a condemnada e, finalmente, o jury, a sentença a dois annos de reclusão em Sing-Sing, seus guardas, seus companheiros de infortunio... todo esse horror devia ser um sonho.

Aggie Lynch, com quem ella dividia o catre nu do cubiculo, murmurava-lhe de vez em quando sinistros planos para se enriquecerem facilmente, quando recobrassem a liberdade. Dizia ella que as faces angelicas e o candido semblante de Mary poderiam facilitar-lhe uma fortuna em pouco tempo.

Norma, no papel de Mary Turner

Havia já algum tempo que o pesadelo terminara. Mary lutava agora em busca de um emprego e, degrão a degrão, descia a escada da miseria.

Os *detectives* ambiciosos de renome, seguiam-a sempre, á espera de que ella commettesse outro crime. Quem a capturasse teria elogios por sua argucia e actividade.

Um dia, desamparada e faminta, Mary se viu deante de um negro dilemma — a vida do crime ou o tumulo nas aguas mansas do rio. E preferiu a morte.

De sobre a ponte, fitou a corrente sombria e gelada; não menos gelada e sombria do que a desventurada vida.

Transfigurada, cruzou os braços, crispou os labios, cerrou os olhos, enviou uma derradeira prece ao Deus, que a abandonara, precipitou-se e desappareceu.

No mesmo instante, ouviu-se um grito de mulher. Dois braços fortes cruzaram as aguas e arrastaram para a margem o corpo exanime de Mary.

Mais alguns momentos e ella abria os olhos para ver Aggie Lynch e um homem, que a fitavam sorridentes.

— Então, minha querida? A vida te é assim tão penosa ? Então agora vaes ter juizo e unir-te a nós. Este é Joe Garson, que te salvou. E' meu camarada, como tu o serás tambem.

— Obrigada, Joe — balbuciou Mary, estendendo-lhe as mãos frias. Mas para que me salvaste? A vida valerá as penas de viver ?

— Certamente! — declarou Joe. Reconhecerás essa verdade desde que queiras ser nossa companheira.

— Sim — interrompeu Aggie — ella será nossa camarada de hoje em deante.

Mary ouvia-os com attenção e respondeu afinal:

— Serei sua companheira em tudo quanto estiver *dentro da lei*.

Alguns dias depois Mary se dirigia para uma praia de banhos na Florida, a convite de Aggie, sem saber que o destino ahi lhe reservara uma grande surpresa.

Dick Gilder, filho de seu inimigo e ex-patrão, estava hospedado no mesmo hotel.

O velho desejo de vingança reaccendeu-se no coração da joven e immediatamente ella planeiou seus primeiros passos, executando-os na mesma tarde, quando viu Dick Gilder a passear pela praia.

Em um instante ella estava sobre as ondas a pedir soccorro para Aggie — prestes a afogar-se.

Sem um momento de hesitação, Dick atirou-se ao mar e em largas braçadas conduziu Aggie para a praia.

E desde esse dia Dick não mais se separou de Mary. Sempre a seu lado nos salões de dansa nos banhos de mar nos passeios pela praia, nas noites de theatro.

E foi Mary quem primeiro se apaixonou pelo filho de seu inimigo. Ella que o procurara com a intenção de fazel-o um apaixonado infeliz.

Extranha força a do destino. Tinha se, ser !...

Neste momento Griggs levou um apito aos labios...

Semanas depois, novamente em New York, Mary recebeu uma tarde a inesperada visita de Helen Morris, sua ex-companheira de trabalho no escriptorio do velho Gilder.

Helen viera fazer-lhe uma surprehendente confissão: fôra ella quem praticara o furto em casa de Gilder. Desejava que Mary lhe perdoasse, pois não podia mais viver torturada pelo remorso.

— Sim, Helen — respondeu Mary — estás perdoada. A quem não poderei jámais perdoar é ao vil calumniador, ao vingativo Gilder.

Nessa noite, como todas as noites, Mary sonhou com Dick, a quem amava tanto quanto desejava odiar.

Na manhã seguinte Joe Garson foi visital-a.

— Tenho um grande negocio em vista, Mary — disse-lhe ao vel-a. Um tal Griggs facilita-nos tudo.

— De que se trata ? — indagou Mary, prevendo o perigo. Se é coisa fóra da lei, não a faças. Lembra-te de tua promessa.

Joe percebeu a recusa e habilmente mudou de assumpto. Mary parecia estar por demais preoccupada com seus pensamentos intimos e elle julgou conveniente dar por finda a visita.

....

...sem saber que o destino...

Mas o Destino proseguia em sua rota e não podendo mais resistir áquelle amor, Mary casara-se com Dick — o filho de seu velho inimigo.

— Sabes que essa mulher se casou comtigo unicamente para se vingar de mim ? — perguntou Gilder ao ver Dick e Mary de mãos dadas, sentados á varanda de uma aprazivel vivenda de campo, que o joven par escolhera como ninho para a sua lua de mel.

— Não. Não o creio — protestou Dick, levantando-se de subito. Vamos, Mary ! Dize a meu pae que elle está enganado.

— Teu pae está com a verdade. Eu não te amo. Estou apenas satisfeita com a minha victoria. Vae-te e não voltes mais á minha presença.

Mas Dick não podia acreditar em taes palavras.

— Não é verdade — affirmou elle. Sei que me amas. Partirei certo de que algum dia viverás ao meu lado.

E partiu.

Dias depois Mary foi surprehendida pela noticia de que Joe Garson estava em perigo em casa de Gilder, onde entrara para praticar um furto. Sómente ella poderia salval-o, por ser nora de Gilder. Seria bastante para isso dizer á policia que Joe era um amigo da casa e que ali estava a seu chamado. O que ella ignorava é que Joe fôra victima de uma cilada preparada por Griggs — espião e auxiliar do inspector Burke.

(WITHIN THE LAW)

Film da First National. Producção de 1923. Será exhibido no Cine-Theatro Republica de S. Paulo.

D I S T R I B U I Ç Ã O

Mary Turner..........	Norma Talmadge
Edward Gilder.........	Joseph Kilgour
Dick Gilder...........	Jack Mulhall
Aggie Lynch..........	Eileen Percy
Helen Morris..........	Helen Ferguson
Joe Garson............	Lew Cody

Ao chegar á residencia de Gilder, Mary encontrou a porta lateral aberta e ahi entrou sem hesitar. Estava resolvida a salvar o homem que a livrara da morte em um dia de desespero. A um canto da sala, á luz baça de uma lanterna, Joe e Griggs se esforçavam por abrir um cofre.

— Que estás fazendo aqui ? — perguntou Joe, ao vel-a a seu lado.

— Sim, Mary — indagou uma outra voz — que estás fazendo aqui ?

Era Dick Gilder, que a vira na rua e a seguira até á casa de seu pae.

Nesse momento Griggs levou um apito aos labios, mas antes que o soprasse ouviu-se um estampido e elle tombou no soalho sem vida, emquanto Joe guardava um revólver e fugia por uma janella.

Ouviram-se passos. Era o inspector Burke e o velho Gilder, que vinham executar a ultima parte do plano: prender Mary como ladra.

— Quem matou este homem ? — perguntou Burke, apontando para o cadaver de Griggs.

— Foi Dick quem o matou por encontral-o aqui tentando arrombar o cofre — respondeu Mary.

— Mas que faz esta mulher aqui ? — indagou Gilder.

— Veiu commigo — foi a resposta de Dick.

Gilder e Burke viram seus planos frustrados.

Restava-lhes agora fazer Joe confessar o seu crime, para evitar inuteis dissabores a Dick.

Velho campeão do crime, elle não se intimidaria ante quaesquer ameaças, porém Burke teve uma lembrança feliz: suspeitou de que elle amasse Mary e lhe disse que ella ia ser condemnada como assassina de Griggs.

No mesmo momento elle fez a confissão integral de seu crime.

....

Tenho um grande negocio em vista.

(Termina no fim da revista)

ELIXIR
DE
INHAME
DEPURA - FORTALECE - ENGORDA
TÃO SABOROSO COMO QUALQUER LICÔR DE MESA

UM BRINDE DA "PARAQUYNA"

Recebemos artisticos papeis mata-borrão, brinde do Laboratorio de *Pariquyna* — o poderoso remedio contra todas as molestias do figado, fórmula do eminente scientista Dr. Barbosa Rodrigues.

☆ ☆ ☆

Valentino — pulem de contentes todas as suas innumeras admiradoras — voltou ao cinema !

Como se sabe, o seu contracto com a Paramount termina agora, em Fevereiro de 1924, mas ha uma clausula que permitte a esta companhia exercer uma opção dos seus serviços, se ella desejar, por mais um anno. Valentino já quiz filmar os seus trabalhos para a Ritz Carlton, na Inglaterra, mas elle reconheceu que lá nada conseguiria fazer de bom. Então, chegou ás boas com a Paramount, que lhe permittiu trabalhar para a sua nova fabrica, mas com a condição de fazer mais um film para ella ! Vamos, pois, ter mais uma pellicula de Valentino na Paramount, e já se fala em Sidney Olcott para seu director.

Out of the dark, da Goldwyn, reune Colleen Moore, Forrest Stanley, Margaret Seddon e George Cooper. A direcção é de George Hill.

☆ ☆ ☆

Em *Ben Hur*, que será filmado sob a direcção de Charles Brabin, o marido de Theda Bara, trabalham George Walsh no papel principal, Gertrude Olmstead, (Esther) Kathleen Key (Tizrah). *Ben Hur* será filmado na Italia e na Palestina.

☆ ☆ ☆

OS PREÇOS DE ANNUNCIOS DA S. A. "O MALHO"

Tendo sido impressa nova tabella de preços de annuncios nas revistas da S. A. "O Malho", faz-se sciente aos interessados, annunciantes e agentes, ficar sem effeito a tabella anteriormente distribuida, cujos preços foram majorados, á excepção dos contractos existentes.

O CONCURSO DE CONTOS DO "TINTOL"

A Commissão a quem pela segunda vez commettemos o julgamento dos contos de preconicio ao *Tintol*, composta dos srs. professores Curiacio Cabral, M. Daltro Santos e Hemeterio dos Santos, acaba de se desempenhar honestamente desse encargo.

Dos 48 trabalhos recebidos, destacou a Commissão cinco que lhe pareceram melhores e que são: *A conquista*, *A Tita e o Tintol*, um sem nome que recebeu o n. 44 na ordem de recebimento, o *Rajah*, *E o Juvenal explicou...* e *O trophen dos Nhambiquaras*.

Mas como, mesmo classificando em primeiro logar estes cinco contos, a Commissão considerou a qualquer delles immerecedor de um premio de 1:000$000, resolvemos a todos satisfazer, distribuindo a importancia acima em partes iguaes de 200$000, pelos autores dos alludidos trabalhos, para o que deverão comparecer no nosso escriptorio.

Rio, Janeiro de 1924.

M. Gonçalves & Cia.

Rua Municipal, 13.

C A B E L L O S

UMA DESCOBERTA CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE RÉIS

A *Loção Brilhante* é o melhor especifico para as affecções capillares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. E' uma fórmula scientifica do grande botanico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

E' recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro, e analysada e autorisada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

1º — Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.

2º — Cessa a quéda do cabello.

3º — Os cabellos brancos, descorados ou grisalhos, voltam á sua côr natural primitiva sem serem tingidos ou queimados.

4º — Detem o nascimento de novos cabellos brancos.

5º — Nos casos de calvicie faz brotar novos cabellos.

6º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A *Loção Brilhante* é usada pela alta sociedade de S. Paulo e do Rio. Encontra-se á venda em todas as drogarias, pharmacias e perfumarias de primeira ordem.

Approvada pelo D. N. S. Publica sob nº 1213, em 6-2-923.

Doris Kenyon?

As scenas de interior do film da First National, *A Son of the Sahara*, serão feitas nos *studios* Eclair, de Paris. Os exteriores, já o dissemos, serão filmados nos arredores de Biskra, Algeria.

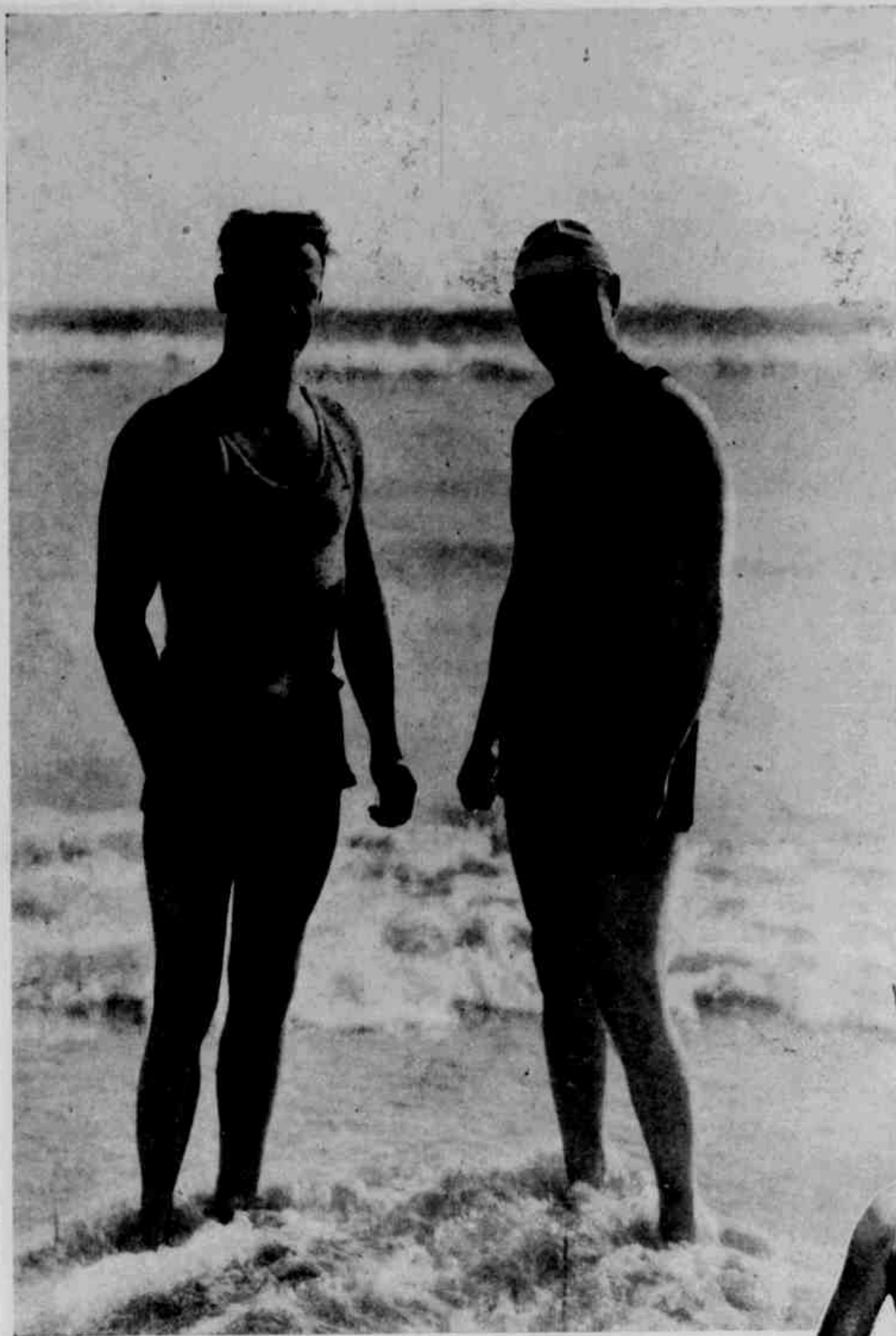
Shannon Day

George Nichols foi ferreiro antes de abraçar a carreira artistica.

Percy Marmont acaba de adquirir uma propriedade em Hollywood, fixando-se definitivamente no Oeste.

☆ ☆ ☆

Greed, de Von Stroheim para a Goldwyn, ficou prompto em Dezembro.

ATHLETAS

Reginald Denny e Roy Stewart

Uma das coisas mais interessantes da cinematographia, diz L. E. Eubanks, é que nem todos os *astros* da tela interpretam de fórma igualmente vantajosa todos os papeis que lhes são confiados. Seja qual for a sua habilidade artistica, um artista de estatura mediana naufraga lamentavelmente quando se mette na pelle de um desses latagões do Noroeste ou dos mineiros do Alaska. Da mesma fórma, artistas como William Hart ou Tom Santschi, só estão bem nos heroes dos grandes lances ao ar livre e ficam deslocados quando os acasos da scena os atiram para os salões. Guy Bates Post tem poucos que com elle rivalisem nas qualidades scenicas, mas como mineiro em *Gold Madness* não está visivelmente a seu gosto. Da mesma sorte, Mitchell Lewis, no mesmo film, em um papel de empregado de escriptorio. Este ultimo é inegualavel em papeis como o de Pleon em *The barrier.*

O physico em muito contribue para o exito de um artista. Quando elle se adapta ao papel a interpretar, metade do caminho para o exito está feito. Um homem, porém, não póde transformar sua conformação physica: dahi o interesse da questão da qual a estatura e proporcionalidade dos membros servem melhor ao artista para a variedade dos papeis que se deparam á sua carreira.

Não nos queremos referir aqui ás necessidades da attracção physionomica. De alguns artistas se sabe deverem a sua fama exclusivamente á regularidade de suas feições. Rodolph Valentino — talvez o mais discutido actor da actualidade, deve tres quartas partes de sua popularidade ás suas qualidades physicas, embora não se possa pôr em duvida as suas aptidões artisticas. Prefiro, porém, neste artigo, alludir sómente ás proporções corporaes.

Não sou lá admirador excessivo dos modelos masculinos da arte antiga. Acho Apollo demasiadamente baixo e pouco proporcionado; Hercules, cheio demais. Ha modelos vivos na actualidade que mettem num chinello os classicos de outr'ora. Douglas Fairbanks, da estatura de Apollo, é muito mais proporcionado do que a estatua e William Farnum, como typo volumoso, tem um typo mais agradavel do que o supermacisso Hercules Farnése. Homens de 1,80 e mais de altura, pesando de 90 a 100 kilogrammas, como Hobart Bosworth, William Russell e Tom Santschi não parecem demasiadamente corpulentos quando trabalham ao ar livre, mas se acaso têm que fazer scenas em interiores, e principalmente quando as suas *partenaires* têm 1,50, isso representa para elles uma desvantagem. Demais a agilidade é tão necessaria como a robustez, e em geral os individuos de grande peso não podem ser tão ageis quanto os de peso menor.

Se tivessemos de procurar Sansão na tela iriamos encontral-o entre os corpulentos. Douglas, Tom Santschi e William Duncan carregam ao collo um homem do seu peso com a mesma facilidade com que nós outros carregamos uma creança. Luctando um com o outro, Bosworth e Farnum despendem prodigiosa força.

Santschi confessa que teve o corpo moido por muitos dias depois da tremenda lucta com Farnum em *The Spoilers.* E' de citar ainda o combate de Farnum e Alphonz Ethier em *Rough an Ready.* Força, resistencia, coragem e pericia, tudo Farnum revelou naquelle dia.

Na classe dos 80 kilogrammas ha varios artistas : Tom Mix, Harry Carey, Dustin Farnum, Irving Cummings, Francis X. Bushman e Conway Tearle. Para ser exacto devo dizer que Bushman pesa 80 kilos e mede 1,80 justos. São proporções esplendidas, especialmente

Malcolm Mac Gregor

DA TELA

quando acompanhadas pela força, agilidade e graça de Francis Xavier. Foi elle por muitos annos um dos melhores amadores (campeão, creio) da lucta romana na California, e no *boxing* não pede lições a ninguem. Uma lucta de *box* entre Bushman e William Desmond seria causa de fazer andar algumas milhas para assistir.

Dustin Farnum, pesando 88 kilos e tendo 1,83 de altura, é bonito de se ver. Não competirá com o irmão, mas outros devem ir precatados para resistir-lhe. A sua peitaria é magnifica; os musculos revelam-se como os dos profissionaes.

Tom Mix é innegavelmente um dos melhores specimens de artistas de cinema. Vem logo abaixo de Dustin em força, mas com mais agilidade. Sua constituição physica, e seu equilibrio corporal, mostram logo o athleta superior mesmo aos mais inexperientes observadores. E demais Mix está sempre *em condições*, dada a cultura de sua força e da sua saude, que elle não desleixa. Se eu tivesse uns 90 kilos, desejaria trenar por algum tempo com Mix.

Recordo-me agora do dictado que affirma que são os pequenos frascos que contêm as grandes essencias, tendo de falar nos que têm peso inferior, como Douglas Fairbanks, Reginald Denny, George Walsh, Rodolph Valentino, George O' Hara e Charles de Roche.

Fairbanks com seus 1,78 de altura e seu peso de 77 kilogrammas, tem uma figura admiravelmente proporcionada. E' todo musculos dos tornozelos ao pescoço, musculos educados, musculos sabidos. E' o typo perfeito do athleta.

Valentino tem 1,80 e pesa 72 kilos sómente. Tem boas pernas (naturalmente devido aos exercicios coreographicos), mas seus braços deixam muito a desejar. Herbert Rawlinson e George Walsh são ambos athletas de primeira classe. A Rawlinson devem-se algumas das melhores scenas de athletismo do cinema. Walsh tem um bello physico. Não sei sua estatura, ignoro seu peso; dá-me porém a impressão de se approximar muito do homem perfeito para a tela. Nos dias de collegio Walsh foi um *footballer* e um luctador. Parece-me que a altura ideal para o artista deve ser de 1,80. Com essa estatura póde um homem praticar todos os *sports*. Uma estatura intermedia de Tom Mix e Douglas Fairbanks, dois typos perfeitos nas respectivas estaturas. Para mim o typo ideal se approxima de Antonio Moreno, que possue muito da força de Farnum, da agilidade de Douglas, da graça de Kosloff e das feições de Valentino.

Herbert Rawlinson

Douglas Fairbanks

Considerados assim todos os requisitos, penso que as proporções ideaes para o Apollo da tela devem ser mais ou menos as seguintes: Altura — 1,80; altura sentado — 1,12; peso — 76 kilos; circumferencia da cabeça — 0,58; do pescoço — 0,40; thorax — 1,016; cintura — 0,787; biceps — 0,368; ante-braço — 0,304; pulso — 0,177; quadris — 0,96; coxa — 0,57; barriga da perna — 0,38; envergadura braçal — 1,78; comprimento do pé — 0,266; capacidade thoracica — 0,m3,00813 (8 litros e 13 centilitros de ar).

E' excusado dizer que todos os dotes physicos não podem ser reduzidos a termos mathematicos. O unico processo de avaliar dessas qualidades abstractas, que denominamos educação muscular, é verificar as suas manifestações. Dois individuos possuidores do mesmo physico, tendo a mesma força, podem perfazer uma acção dada por fórma differente.

Neely Edwards

Força, flexibilidade, equilibrio e coordenação são qualidades abstractas do musculo; entretanto, nós reconhecemos seu valor concreto quando vemos, por exemplo, Bushman atirar no adversario um *left hook*, que o manda fóra do *ring*; quando vemos Fairbanks escalando uma parede e Tom Mix despencar por uma ribanceira com cavallo e tudo.

Trabalham actualmente para a First National Colleen Moore, Norma e Constance Talmadge, Corinne Griffith, Sylvia Breamer, Virginia Faire e Barbara La Marr, sete das mais lindas *estrellas* da constellação cinematographica.

ABSOLVIDO

(*Fim*)

ora a morte gelara. O *detective* observava-o em silencio.

Edith Craig, Madeline e Kenneth, commentavam o trabalho da justiça, quando foram *ex-abrupto* interrompidos pela entrada de Robert Armstrong. Indifferente á impressão hostil que provocara, Armstrong estendeu o papel a Madeline, dizendo-lhe em tom sereno:

— E' a carta ha muito desapparecida e escripta a mim por meu pae adoptivo na noite do seu assassinato.

Madeline assombrada, leu então: "Caro Robert, tu tens razão a respeito de Edith e de Kenneth. Encontrei-os juntos num quarto mobiliado. Não satisfeito de deshonrar minha casa e a de Madeline, roubaram-me ainda por cima o cofre. Faze

(THE ACQUITTAL)

Film da Universal. Argumento de Rita Weiman, scenarisado por Jules Furthman. Direcção de Clarence Brown. Producção de 1923.

DISTRIBUIÇÃO

Madeline Ames....	Claire Windsor
Robert Armstrong	Norman Kerry
Kenneth Winthrop	Richard Travers
Edith Craig..........	Barbara Bedford
Andrew Prentice...	Charles Wellesley
A creada.........	Dot Farley
O chauffeur do taxi	Hayden Stevenson

o favor de mandar analysar as *tablettes* juntas, por um chimico. Desconfio que elles tramam contra minha vida, procurando envenenar-me." Madeline lançou um olhar de despreso a Armstrong, exclamando que não passava aquillo de uma nova trama diabolica. Mas esse retrucou:

— Se Kenneth é innocente, elle não porá duvida em engulir uma destas *tablettes*.

Kenneth pediu um copo d'agua e reclamou a *tablette* que estava com a esposa. Em vez, porém, de passal-a ao marido, Madeline levou-a rapidamente á bocca.

— Por Deus! Pára! Não toques neste veneno! exclamou Kenneth arrebatando-lhe a droga mortal das mãos.

Nisso Edith Craig saltou como um tigre:

— Ah! então tu a amas?! Tu dizias que casavas com ella, só pelo seu dinheiro!

E voltando-se cega de raiva para Armstrong, accusou:

— Foi elle quem matou Prentice!

E confessou tudo, pormenorisada, minuciosamente.

Não é verdade que o Sr. Prentice houvesse permanecido com elles todo o tempo na bibliotheca. A certa hora, consultando o relogio, Prentice dissera ter de escrever uma carta para seguir na collecta da meia noite, e retirara-se levando comsigo a caixinha de remedio que tomava.

Mas Kenneth que trouxera uma caixa com *tablettes* eguaes, porém envenenadas, e conseguira substituir as caixas, falava-me que Prentice não teria tempo de acabar a carta, pois havia levado o veneno, quando este appareceu á porta, fitando-nos e declarando que, afinal, as suas suspeitas eram verdadeiras, mas que nos havia illudido. Foi nessa occasião que Kenneth apanhou o atiçador da chaminé e desfechou o golpe na cabeça do Sr. Prentice. Eram 11 horas e 10 minutos.

Logo a seguir o criado bateu e Kenneth moveu os ponteiros do relogio que se quebrara, pondo-os nas 12 menos 8. Combinou-se então que elle sahiria ás 11,30. Era o alibi. Não fosse o equivoco dos ponteiros da balança da charutaria, e a questão da hora jámais seria discutida.

Madeline estava esmagada, mas reagindo, num gesto de horror expulsou Kenneth de sua presença. Pouco depois elle era encontrado no jardim, morto; absorvera o veneno com que pretendera matar Prentice.

— Oh! Robert, se ao menos pudesse eu voltar ao ponto donde parti, e recomeçar de novo, gemeu a combalida e desilludida esposa, quando lhe trouxeram a noticia do fim que tivera o marido.

— Nem com o meu auxilio, minha querida? falou carinhoso Armstrong.

PARA TODOS...

Preço das assignaturas

Um anno (Serie de 52 ns.)	48$000
" semestre (26 ns.)......	25$000
Estrangeiro (1 anno).......	78$000
" (Semestre).....	40$000

Preço da venda avulsa

No Rio................ } 1$000
Nos Estados........... }

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão aceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247.

Succursal em S. Paulo dirigida por Gastão Moreira — Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 5049. Caixa Postal Q.

DENTRO DA LEI

(*Fim*)

Emquanto Joe caminhava para o seu cubiculo em Sing-Sing, o velho Gilder supplicava o perdão de Mary Turner. Em suas mãos estava uma carta de Helen Morris, escripta no leito de morte, carta em que ella confessava ter praticado o furto pelo qual sua companheira fôra injustamente accusada.

Mary comprehendeu então que a alegria de perdoar é maior do que o prazer da vingança. E nos braços de Dick derramou lagrimas de contentamento — feliz epilogo de suas desventuras.

MISSA DO GALLO

Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, ha muitos annos, contava eu dezesete, ella trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um visinho irmos á missa do gallo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordal-o á meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Menezes, que fôra casado, em primeiras nupcias, com uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, mezes antes, a estudar preparatorios. Vivia tranquillo, naquella casa assobradada da rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A familia era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. A's dez horas da noite, toda a gente estava nos quartos; ás dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao theatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Menezes que ia ao theatro, pedi-lhe que me levasse comsigo. Nessas occasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam á socapa; elle não respondia, vestia-se, sahia e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o theatro era um euphemismo em acção. Menezes trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fóra de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a principio, com a existencia da comborça; mas, afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.

Boa Conceição! Chamavam-lhe "a santa", e fazia jus ao titulo, tão facilmente supportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lagrimas, nem grandes risos. No capitulo de que trato, dava para mahometana; acceitaria um harem, com as apparencias salvas. Deus me perdôe, se a julgo mal. Tudo nella era attenuado e passivo. O proprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa sympathica. Não dizia mal de ninguem, perdoava tudo. Não sabia odiar; póde ser até que não soubesse amar.

Naquella noite de Natal foi o escrivão ao theatro. Era pelos annos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o Natal para ver "a missa do gallo na Côrte". A familia recolheu-se á hora do costume; eu metti-me na sala da frente, vestido e prompto. Dali passaria ao corredor da entrada e sahiria sem acordar ninguem. Tinha tres chaves a porta; uma estava com o escrivão, eu levaria outra, a terceira ficava em casa.

— Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo? perguntou-me a mãe de Conceição.

— Leio, D. Ignacia.

Tinha commigo um romance, os Tres Mosqueteiros, *velha traducção creio do* Jornal do Commercio. *Sentei-me á mesa, que havia no centro da sala, e á luz de um candieiro de kerozene, emquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavallo magro de D'Artagnan e fui-me ás aventuras. Dentro em pouco estava completamente ebrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrario do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quasi sem dar por ellas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veiu acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas á de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar á porta da sala o vulto de Conceição.*

— Ainda não foi? perguntou ella.

— Não fui, parece que ainda não é meia-noite.

— Que paciencia!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinellinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romantica, não disparatada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro; ella foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

— Não! qual! Acordei, por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da affirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no somno. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espirito, depressa a botei fóra, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não affligir ou aborrecer. Já disse que ella era boa, muito boa.

— Mas a hora já ha de estar proxima, disse eu.

— Que paciencia a sua de esperar acordado, emquanto o visinho dorme! E esperar sósinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assustasse quando me viu.

— Quando ouvi os passos extranhei; mas a senhora appareceu logo.

— Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos Mosqueteiros.

— Justamente: é muito bonito.

— Gosta de romances?

— Gósto.

— Já leu a Moreninha?

— Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.

— Eu gósto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as palpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a lingua pelos beiços para humedecel-os. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficámos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre elles pousar o queixo, tendo os cotovellos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos.

— Talvez esteja aborrecida, pensei eu.

E logo alto:

— D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...

— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relogio; são onze e meia. Tem tempo. Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?

— Já tenho feito isso.

— Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo somno. Mas tambem estou ficando velha.

— Que velha o que, D. Conceição!

Tal foi o calor da minha palavra, que a fez sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as attitudes tranquillas; agora, porém, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janella da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distincta como naquella noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou concertando a posição de algum objecto no aparador; afinal deteve-se, ante mim, com a mesa de permeio. Estreito era o circulo das suas idéas; tornou ao espanto de me ver esperar acordado; eu repeti-lhe o que ella sabia, isto é, que nunca ouvira missa do gallo na Côrte, e não queria perdel-a

— E' a mesma missa da roça, todas as missas se parecem.

— Acredito, mas aqui ha de haver mais luxo e mais gente tambem. Olhe, a semana santa na Côrte é mais bonita do que na roça. S. João não digo, nem Santo Antonio...

Pouco a pouco, tinha-se inclinado; fincara os cotovellos no marmore da mesa e mettera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas as mangas, cahiram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito clasos, e menos magros do que se poderiam suppor. A vista não era nova para mim, posto tambem não fosse commum; naquelle momento, porém, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azues, que, apezar da pouca claridade, podia contal-as do meu logar. A presença de Conceição espertara-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras coisas que me iam vindo á bocca. Falava emendando os assumptos, sem saber por que, variando delles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazel-a sorrir e verlhe os dentes que luziam de brancos, todos eguaesinhos. Os olhos della não eram bem negros, mas escuros; o nariz secco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando eu alteava um pouco a voz ella reprimia-me:

— Mais baixo! mamãe póde acordar.

E não sahia daquella posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido; cochichavamos os dois, eu mais que ella, porque falava mais; ella, ás vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou; trocou de attitude e de logar. Deu volta á mesa e veiu sentar-se do meu lado, no canapé. Voltei-me, e pude ver, a furto, o bico das chinellas; mas foi só o tempo que ella gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recordo-me que eram pretas. Conceição disse baixinho:

— Mamãe está longe, mas tem o somno muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no somno.

— Eu tambem sou assim.

— O que? perguntou ella inclinando o corpo para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti a palavra. Riu-se da coincidencia; tambem ella tinha o somno leve; eramos tres somnos leves.

— Ha occasiões em que sou como mamãe; acordando, custa-me dormir outra vez, rólo na cama, á toa, levanto-me, accendo a vela, passeio, torno a deitar-me e nada.

— Foi o que lhe aconteceu hoje.

— Não, não, atalhou ella.

Não entendi, a negativa; ella póde ser que tambem não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com ellas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma historia de sonhos, e affirmou-me que só tivera um pesadelo, em creança. Quiz saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu désse pela hora nem pela missa. Quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ella inventava outra pergunta ou outra materia, e eu pegava novamente na palavra. De quando em quando, reprimia-me:

— Mais baixo, mais baixo...

Havia tambem umas pausas. Duas outras vezes, pareceu-me que a via dormir; mas os olhos, cerrados por um instante, abriam-se logo sem somno nem fadiga, como se ella os houvesse fechado para ver melhor. Uma dessas vezes creio que deu por mim embebido na sua pessoa, e lembra-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente. Ha impressões dessa noite, que me apparecem trancadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa occasião, ella, que era apenas sympathica, ficou linda, ficou lindissima. Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ella, quiz levantar-me; não consentiu, pôz uma das mãos no meu hombro, e obrigou-me a estar sentado. Cuidei que ia dizer alguma coisa, mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio, voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achara lendo. Dali relanceou a vista pelo espelho que ficava por cima do canapé, falou de duas gravuras que pendiam da parede.

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negocio deste homem. Um representava "Cleopatra"; não me recordo o assumpto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquelle tempo não me pareciam feios.

— São bonitos, disse eu.

— Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais proprias para sala de rapaz ou de barbeiro.

— De barbeiro? A senhora nunca foi a casa de barbeiro.

— Mas imagino que os freguezes, emquanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegra a vista delles com figuras bonitas. Em casa de familia é que não acho proprio. E' o que eu penso; mas eu penso muita coisa assim exquisita. Seja o que fôr, não gósto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita, mas é de esculptura, não se póde pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratorio.

A idéa do oratorio trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quiz dizel-o. Penso que cheguei a abrir a bocca, mas logo a fechei para ouvir o que ella

contava, com doçura, com graça, com tal molleza que trazia preguiça á minha alma e fazia esquecer a missa e a egreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anecdotas de baile, uns casos de passeio, reminiscencias de Paquetá, tudo de mistura, quasi sem interrupção. Quando cançou do passado, falou do presente, dos negocios da casa, das canceiras de familia, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete annos.

Já agora não trocava de logar, como a principio, e quasi não sahia da mesma attitude. Não tinha os grandes olhos compridos, e entrou a olhar á toa para as paredes.

— Precisamos mudar o papel da sala, disse dahi a pouco, como se falasse comsigo.

Concordei, para dizer alguma cousa, para sahir da especie de somno magnetico, ou o que quer que era que me tolhia a lingua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação; fazia esforço para arredar os olhos della, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéa de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silencio era completo.

Chegámos a ficar por algum tempo, — não posso dizer quanto, — inteiramente calados. O rumor unico e escasso, era um roer de camondongo no gabinete, que me acordou daquella especie de somnolencia; quiz falar delle, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janella, do lado de fóra, e uma voz que bradava: "Missa do gallo! Missa do gallo!"

— Ahi está o companheiro, disse ella levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordal-o, elle é que vem acordar você. Vá, que hão de ser horas; adeus.

— Já serão horas? perguntei.

— Naturalmente.

— Missa do gallo! repetiram de fóra, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus; até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando mansinho. Sahi á rua e achei o visinho que esperava. Guiámos dali para a egreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpoz-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto á conta dos meus desesete annos. Na manhã seguinte, ao almoço, falei da missa do gallo e da gente que estava na egreja, sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, Natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da vespera.

Pelo Anno Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em Março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.

MACHADO DE ASSIS

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

LABIOS DE MEL (Rio) — Espirito sonhador, é certo que bastante futil em seu sonhar. Não tem surtos fóra da tabella da mediocridade. Mas é garrido e procura impressionar com lentejoulas... Tem a vontade um tanto apagada. Entretanto, sabe reagir no soffrimento, provando assim grandeza d'alma — a melhor couraça da sua fragil personalidade.

HERNANDEZ (São Paulo) — Ha na sua graphia o indicio de um temperamento ardoroso, capaz de desafiar céos e terra, nos primeiros impetos. Depois, tem a elasticidade sufficiente para se conformar com quaesquer insuccessos ou mesmo humilhações, comtanto que não prejudique interesses materiaes. Nestes é que está o seu fito principal, absorvente de todos os outros. Não obstante, gosta de passar por homem sentimentalista, paladino de ideaes. E' mania como outra qualquer. Mas de facto seu coração é generoso, é certo, porém, que só para uma certa qualidade de gente...

ENÓE (Sorocaba) — Não prima pela ponderação mas é extremamente apreciavel o seu espirito vibrante e enthusiasta, que, aliás, se não perde inteiramente no mundo idealista, pois que tambem se revela sufficientemente esclarecido e activo no giro e solução das cousas praticas. Tem assim uma natureza mixta. E' voluntariosa e age muitas vezes com grande tenacidade, mas sabe domar perfeitamente a sua força, obrigando todos a acceital-a com prazer. Tem assim grande preponderancia no meio em que vive, tanto mais quanto, em sendo preciso, ninguem a excede em bondade cordial.

MARTHA (Flexas) — Ligeiramente idealista, de espirito futil, pretencioso, a querer sempre elogios e distincções. Ha nisso a demonstração de sua tal ou qual ingenuidade, que suavisa a má impressão: não é uma convencida e sim, apenas uma neophyta da vida. E' caprichosa no querer, mas termina quasi sempre por se contentar com o que é possivel. Os demais caprichos são puramente femininos e andam subordinados ao fundo ingenuo que se nota em sua personalidade. O coração é bastante endurecido.

SYBILLA (Rio) — Prefeririamos que tivesse escripto cousa sua. Seria muito melhor para estudo graphologico. Todavia, póde-se lobrigar uma natureza delicada e timida, obediente e com espirito disciplinado, sem deixar de ser vibrante. Suas tendencias não são más; peccam, porém, por um grande egoismo, mórmente do coração. Tem vontade de ser util, mas esse primeiro movimento é logo contido pela reflexão interesseira que refina em se tratando de amor. Fragil o seu querer, comquanto revestido de uma certa pertinacia que lhe dá alguma força.

PYRAMA (Rio) — Espirito attrahente por suas qualidades de gentileza e sensibilidade ante as cousas intellectuaes. Não vae muito longe nem muito alto o seu idealismo: um surdo interesse pelo dinheiro o enlanguesce e lhe tira mesmo a serenidade, suscitando-lhe ás vezes a colera. A vontade é subtil, mas longa e pertinaz. Se tivesse mais energia d'alma seria uma personalidade bastante distincta. Não tem bondade cordial, mas é incapaz de querer ou fazer mal a alguem.

BELL (Recife) — Não vale a pena discriminar. Basta apontar o principal defeito, que é, sem duvida alguma, a extraordinaria ambição. Isto lhe desorienta os defeitos e as virtudes. Por ambição é capaz de recalcar os bons sentimentos do coração (que os tem em boa escala) e mostrar-se o mais feroz egoista, e é capaz tambem de perder o bom senso, tornando-se suspeito ás pessoas normaes que o rodeiam. E essa ambição tem por si uma vontade tenaz, que não recua deante de nenhum obstaculo. Provavelmente, quando saciado de tudo quanto deseja, será possivel offerecer documento para melhor estudo.

SANDOVAL (Pará) — Muito amigo de si mesmo e, por isso, bastante refugado pel o meio em que vive. Com esse amor proprio e esse egoismo não consegue facilmente as victorias que o seu poderoso querer ambiciona e a sua perspicacia dissimula. Logo se percebe o seu "jogo" e todos tratam de dar os "contras". Vem dahi a desconfiança e a exacerbação em que vive e se traduz fielmente da sua graphia. Entretanto, possue um coração capaz de actos philantropicos.

DJANIRA (Rio) — Gentileza de modos, alliada a uma intelligencia vivaz. Espirito recto, propenso ao sonho, mas forrado de uma certa philosophia que o torna sceptico as mais das vezes. Coracão de gelo.

CAPICHABA (Rio) — Com toda a franqueza? Veja lá... Não se vá zangar, hein? Fique sabendo que o seu temperamento é calmo, quasi algido, regido por um espirito que se faz ingenuo para melhor successo de sua perspicacia. Por exemplo: finge-se idealista mas no fundo não quer outra coisa senão aquillo que se traduza immediatamente em beneficios materiaes ou que só interessem ao seu "eu". Claro, pois, que se trata de um ente egoista, e é isso o que o seu coração confirma nos signaes de quasi absoluta ausencia de bondade caritativa.

AS FUTURAS ESTRÉAS

(ATRAVEZ DA CRITICA NORTE-AMERICANA)

OS SEIS MELHORES FILMS DO MEZ	AS SEIS MAIS NOTAVEIS INTERPRETAÇOES
The Eternal City — (First National).	Richard Bennett — (*The Eternal City*).
The Acquittal — (Universal).	Blanche Sweet — (*Anna Christie*).
Ponjola — (First National).	Barbara La Marr — (*The Eternal City*).
Long live the King — (Metro).	George Fawcett — (*His Children's children*).
Anna Christie — (First National).	Hale Hamilton — (*His Children's children*)
Flaming youth — (First National).	Anna Q. Nilsson — (*Ponjola*).

THE ACQUITTAL, da Universal — Bem extrahido da peça do mesmo nome, de Rita Weyman; a acção se desenvolve em torno de um assassinato mysterioso. Excellentes scenas, emocionantes, bem representadas. De quando em quando um episodio comico relaxa a tensão nervosa da audiencia. Boa direcção de Clarence Brown, discipulo de Tourneur. Claire Windsor, Norman Kerry e Barbara Bedford muito bons. O mysterio só se dissipa no desfecho.

ANNA CHRISTIE, da First National — Extrahido da peça theatral de Eugene O' Neil, offerece opportunidade a Blanche Sweet para um notavel desempenho. E' o seu melhor trabalho até hoje. A peça prende a attenção. Direcção de John Griffith Wray muito de se louvar. George Marim muito bom tambem no papel de pae de Anna. Não é film para creanças.

THE ETERNAL CITY, da First National — E' um dos mais bellos films até aqui feitos e um dos mais interessantes tambem. Encantadora historia de amor, com toques de melodrama, situações finamente comicas, scenarios excepcionalmente bellos, interpretação sem par e direcção intelligente. O texto do romance de Hall Caine soffreu algumas modificações; a acção se passa depois da guerra. George Fitzmaurice, que dirigiu o film, obteve a cooperação das milicias *fascisti;* Mussolini apparece, apparece o rei da Italia. As scenas do colyseu são sensacionaes. Barbara La Marr no papel de Roma tem o seu melhor trabalho; bella como sempre, apresenta qualidades artisticas que antes não revelava. Bert Lytell, Lionel Barrymore e Montague Love são excellentes; as honras entretanto cabem a Richard Bennett no papel de Bruno, um vagabundo italiano. Seu trabalho o classifica como um dos melhores actores da actualidade. Scenicamente o film é soberbo e a photographia idem. Todos os scenarios são admiraveis. Não deixem de ver esse film.

LONG LIVE THE KING, da Metro — Nos mostra Jackie Coogan em seu melhor papel. A historia é simples, desenvolve-se em uma côrte onde as intrigas e conspirações se succedem em torno da figura do reisinho que dá tudo para uma brincadeira, mesmo a sua coroa. A direcção é boa e os artistas trabalham bem. Jackie, entretanto, eclypsa todos. Os dias passam e parece que nenhuma mudança soffre esse artistasinho genial. Só os dentinhos mais separados revelam a evolução de sua infancia.

PONJOLA, da First National — E' uma narrativa dramatica da vida nos campos auriferos do Sul-Africano, com uma rapariga disfarçada em rapaz e um homem que bebe para morrer. Bons artistas. Anna Q. Nilsson, a mais feminina das *estrellas*, caracterisa-se admiravelmente de rapaz; James Kirkwood não póde ser mais sincero.

FLAMING YOUTH, da First National — Apresenta uma interpretação magnifica de Colleen Moore. Milton Sills, Sylvia Breamer e Myrtle Stedman bons. O film é dos tempos e dos costumes de ultra-*jazz*.

THE VIRGINIAN, da Preferred — Extrahido da famosa novella, ganhou muito com a direcção de Tom Forman. Bem feitas todas as scenas, algumas sensacionaes.

UNSEEING EYES, da Cosmopolitan — E' esplendido film, feito no Canadá. Seena Owen e Lionel Barrymore são os principaes artistas. Boa direcção de Edward L. Griffith.

HIS CHILDREN'S CHILDREN, da Paramount — Moralisadora historia e interpretação magnifica, especialmente de George Fawcett e Hale Hamilton, que deixaram perder de vista os companheiros, bons entretanto, Bebe Daniels, Dorothy Mackail entre outros.

WOMAN PROOF, da Paramount — Feito especialmente para Thomas Meighan, não tem lá grande originalidade, mas delicia pelos caracteres estudados e legendas bem feitas; uma hora que se passa depressa a em que se vê esse film.

THE COMMON LAW, da Selznick — E' um film que seria mediocre não fôra o esplendido desempenho de Corinne Griffith e Conway Tearle. Direcção pouco menos que má, photographia mediocre.

RICHARD THE LION HEARTED, da Associated Exhibitors — deve ser um grande desapontamento para aquelles que esperam ver um Ricardo louro, olhos azues e cheios de poesia, porque Wallace Beery, que interpretou o papel de Coração de Leão, fel-o como devia, bellicoso, brutal, e o verismo de sua interpretação só mereceu louvores.

PLAISURE MAD, da Metro — E' um film para toda a familia, historia de gente de terra pequena, que, enriquecida de repente, passa a viver em um meio social que absolutamente lhe era dantes extranho. A esplendida encarnação maternal de Mary Alden é o que tem de melhor esta producção.

THE DARLING OF NEW YORK, da Universal — Não é mais do que um pretexto para Baby Peggy, com ladrões, joias roubadas, etc., etc., nada de novo no fundo. Tem um interesse entretanto. Baby muito boa como sempre apparece, em todo caso é quem dá importancia ao film.

THE COUNTRY KID, da Warner Brothers — Film á moda antiga com tres orphãosinhos, um tio deshumano e toda a velha historia já conhecida de outras fitas. Wesley Barry é o mais velho dos orphãos — é pae e mãe dos irmãosinhos, Bruce Guerin e Apee O' Donnell. Uma lagrima, dez sorrisos e Helen Jerome Eddy para regosijar todos os corações.

THE DRIVEN FOOL, da Hodkinson — Film sportivo genero que Wallace Reid fazia tão bem. Alguns momentos divertidos, outros excitantes. Patsy Ruth Miller e Wally Van nos papeis principaes.

DAVID COPPERFIELD, da Associated Exhibitors — E' um magnifico film sueco, admiravelmente interpretado e reproduzindo com escrupulosa fidelidade o celebre romance de Dickens.

UNDER THE RED ROBE, da Cosmopolitan — Outro film de costumes d'antanho, dos tempos de Luiz XIII de França. Scenica e photographicamente um bello film; enredo e direcção assim, assim. Robert Mantell e John Charles Thomas entre os artistas.

ON THE BANKS OF THE WABASH, da Vitagraph — Bons artistas, Mary Carr, James Morrison, Mary Mac Laren e Madge Evans; mediocre enredo, direcção mediocre. Confuso, diffuso e semifuso.

HELD TO ANSWER, da Metro — Historia pastoril, ou de pastor (sacerdote) compromettido por uma ovelha. Acaba bem como desejava D. João VI.

THE TEMPLE OF VENUS, da Fox — Contém um bocadinho de cada coisa que attrae o publico, uma historia de amor, grandes doses de máos costumes modernos, hor-

A PAGINA DOS NOSSOS LEITORES

OS ARTISTAS PRINCIPAES DA METRO

A Metro é a fabrica Norte Americana que possue as mais engraçadinhas *estrellas* dá tela, assim: Viola Dana, Alice Terry e Alice Lake.

A primeira é adoravel! em toda a expressão da palavra, em trabalho e elegancia. Sabe fazer a platéa rir e chorar, quando é preciso. Então quando dansa o *Shimmy!*...

Alice Lake de nariz arrebitado, tambem eximia dansarina.

Alice Terry é só a carinha bonita e o corpo bem feito... e nada mais.

Barbara La Marr, linda artista, mas detesta os homens...

Ramon Novarro, muito sympathico, nos... retratos.

Lewis Stone, o velho elegante, trabalha admiravelmente.

Gareth Hughes, que faz geralmente o papel de innocente, então em *Não quero vestir saias*, está muito bem!

AMERICANO

SR. OPERADOR

Li no *Para todos*... de 5 do corrente um artigo sobre "Bebe Daniels" de auctoria do Sr. Enóe. Naturalmente este Sr. está enganado, pelo menos, a mim parece, pois não conheço artista mais insupportavel, feia é desgraciosa que Bebe: a unica coisa que possue de admiravel são os seus grandes olhos negros que chegam a rivalisar com os de Lila Lee.

Não vá pensar o amigo que, por fazer esta apreciação sobre a sua *estrella* predilecta, só a vi em films em que fez papeis pouco importantes, pois vi todos estes films que cita em seu artigo dos quaes só apreciei *Sem pensar nas consequencias* que no meu ver teve o saudoso Wally um de seus melhores papeis. Sómente a apreciei algo nas suas comedias para a Realart, mas depois que entrou para a Paramount e metteu-se a fazer dramas que por signal nada têm de dramaticos, tornou-se insupportavel.

E' este o meu protesto ao artigo do Sr. Enóe que espero ver publicado. Reiterando meus protestos de estima e consideração

BILL RUSSELL

S. Paulo

SR. OPERADOR

Saudações: Foi-se mais um anno, e este anno que surge espero que seja um anno de progresso para o *Para todos*... Desculpe-me se vou aborrecel-o, mas quero dar a minha opinião sobre o cinema. Acho que Marion Davies é a mais bella artista do cinema. Acho que Gloria Swanson é a melhor artista cinematographica. Acho que Norma é a mais sublime no drama, mas não a melhor actriz dramatica. Acho que Pauline Frederick é a melhor dramatica.

Acho que Mae Murray é horrenda, mas sua arte de seduzir empolga. Acho que Bebe Daniels não foi feita para comedia, sim para o drama, as suas ultimas fitas o têm provado.

Acho que Bertine e Menicheli são as artistas mais pauiificantes e enjoadas.

Acho que David Griffith e Cecil de Mille são os melhores directores da tela. Acho que o Ralph Graves se continuar na Paramount será um dos melhores galãs da tela. Acho que os dois melhores athletas são Richard Talmadge e Douglas Fairbanks. Acho que Harold Lloyd é o melhor comico. Acho que Ricardo Madruck é depois de Jackie Coogan o melhor *gury* da tela. Acho que Ben Turpin é o comico mais enjoado que existe..

Acho que Lew Cody é o melhor cynico. Acho que a cara carrancuda de Conway Tearle não se presta para galã de Norma. Acho que Buster Keaton depois de Harold Lloyd e Carlitos é o melhor comico. Acho que a fama de Valentino não é merecida: 1º porque o seu trabalho não é destes que maravilham; 2º a sua fama de bonitinho tambem não é merecida. Rodolph é afeminado e acanhado. Quantos mais bellos que elle, por exemplo: Ramon Novarro, Forrest Stanley, Ralph Graves, Antonio Moreno, Richard Barthelmess, etc. O physico nada vale para mim, o melhor actor cinematographico é Thomas Meighan.

RED FLOWER

CONCURSO DC "PARA TODOS..."

(A encerrar-se a 30 de Abril de 1924)

Quaes os tres melhores films de 1923?

....

....

....

Quaes as tres "estrellas" que mais se salientaram em 1923?

....

....

....

Quaes os tres artistas (homens) que mais se salientaram em 1923?

....

....

....

Qual a marca de films que mais se notabilisou em 1923?

....

Nome...

Direcção...

"BUFFALO BILL", E "A HOMICIDA"

Buffalo Bill, film seriado da Universal, é um dos melhores films no genero, feitos até hoje. Este film baseado em uma novella historica, além de reproduzir fielmente os trajes e costumes dos dias de Buffalo Bill, apresenta-nos scenas historicas celebres, como as luctas entre os colonos americanos e os indios pelles-vermelhas, a construcção da primeira via-ferrea transcontinental, o assassinato de Lincoln, etc.

Os artistas que mais se salientam neste film são: Art Acord — o sempre lembrado Vasco Certo d'*Os cavalleiros da lua* — desempenhando o papel de Art Taylor, e Duke Lee como Buffalo Bill. Os outros vão regularmente.

Se todos os films seriados fossem como este, calcados em novellas historicas e romances, as series teriam mais admiradores, porém, infelizmente as fabricas quer americanas quer europeas (excepto Pathé Consortium) continuam a produzir films seriados mais ou menos idiotas, onde dominam os tiros, os soccos, as desenfreadas corridas de um automovel, e uma porção de coisas mysteriosas.

.. ..

O film *A homicida*, da Paramount, é de facto, um super-film. E' uma producção que se impõe ao publico desde a primeira á ultima scena, não só pelo luxo e brilhante interpretação, mas tambem pelo enredo que é muito moral, emocionante e sentimental.

E' a historia de um homem honrado que

---

das de banhistas e nymphas com pouca roupa, algumas situações na realidade bonitas e um fio mythologico a prender outros detalhes. Mary Philbin é a heroina.

A Million to burn, da Universal — Com Herbert Rawlinson no papel de incendiario diverte a gente durante uma hora. E se o tempo não nos parece voar como o dinheiro, a culpa não é dos artistas.

In search of a thrill, da Metro — E' Viola Dana, pequena rica e extravagante, a fazer de apache duma mascarada, resultando uma complicação amorosa que dá com ella aos pés do sacerdote.

The lone Ranger, da Aywon — Se o titulo não faz esperar muito, o resultado não desaponta entretanto. J. B. Warner bem como sempre. Film do Oeste com todos os matadores, bem feito.

Blow your own horn, da F. B. O. — Contém um veterano, um apparelho radiographico, uma rapariga romantica, coisas todas que se juntam para realisar um film.

Big Dan, da Fox — E' a historia de um rapaz tão cheio de perfeições que logo vê a gente ser tudo fita. Frederick e Fanny Hatton nos principaes papeis.

Our hospitality, da Metro — E' Buster Keaton sómente. Que é da historia? Onde o enredo? Assim tambem é de mais. Buster Jr. apparece um momento (Que sorte!). Vamos ver se o outro é melhor.

The Love pirate, da F. B. O. — Tem a belleza que lhe emprestam Carmel Myers e Kathlyn Mc Guire. Enredo sem valia.

The Leavenworth Case, da Vitagraph — Fraco. Seena Owen e Martha Mansfield são os melhores artistas.

Crooked Ally, da Universal — Fraco tambem. Laura la Plante agradavel.

The Way Men Love, da Grand Asher Prod. — Tambem pouco vale.

Modern Matrimony, da Select — Podia ser considerado um film medio se não se arrastasse tão aborrecidamente ás vezes a acção.

You are in danger, da Commonwealth — Assumpto batido da regeneração pelo amor.

Foolish Parents, da Associated Exhibitors — Convence a gente de que o matrimonio é na verdade uma grande instituição, para resistir a tanta maluqueira.

The barefootboy, da Commonwealth — Historia modernisada da eterna maçã que a Mãe Eva offereceu ao Pae Adão. Agradavel, entretanto.

The forbidden lover, da Selznick — Historia de uma senhorita da velha California, bandidos, um heroe americano, etc., etc.

The Monkey's paw — Bom film com merecimento literario, alguns erros technicos, mas agradavel de se ver.

Men in the Row, da Universal — Com Jack Hoxie, que não tem nada que o recommende como artista senão montar bem, é um máo film, vasio, sem nem um interesse.

O supremo alimento

A Aveia é o melhor dos alimentos, rico nos 16 elementos necessarios ao organismo — possuindo duas vezes o valor nutritivo da carne e mais de tres vezes os elementos nutrientes do arroz.

Para creanças nada ha que o possa substituir.

Nos adultos produz um bom sangue, energia e vitalidade.

O seu medico conhece o seu valor como alimento para invalidos, a fim de levantar-lhes as forças.

Aveia Quaker é a aveia sob a fórma de alimento da mais fina qualidade. — Use-o todos os dias durante um mez. Veja como melhorará. Attente no vigor e na energia que apparecem nos velhos como nos jovens.

Vem em latas de 1 e 2 libras, comprimida e hermeticamente fechada — unico acondicionamento que lhe garante a conservação indefinida da frescura e do sabor.

Os mingaus de Aveia Quaker são deliciosos.

Quaker Oats

Officinas Graphicas d'O MALHO